

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

JULIO CESAR GONÇALVES SOARES

**ARTE-CORPO-COMUNICAÇÃO: A PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

CRICIÚMA

2018

JULIO CESAR GONÇALVES SOARES

**ARTE-CORPO-COMUNICAÇÃO: A PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Graduado no curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientador: Prof. Me. Luiz Gustavo
Bieberbach Engroff

CRICIÚMA

2018

JULIO CESAR GONÇALVES SOARES

**ARTE-CORPO-COMUNICAÇÃO: A PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de Pesquisa Processos, Poéticas e Educação do Curso de Artes Visuais Licenciatura, UNESC.

Criciúma, 22 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff – Mestre em Literatura – (UFSC) -
Orientador

Prof.^a Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra em Ciências da
Linguagem - (UNISUL)

Prof.^a Juliana de Lima Veloso - Mestranda em Arte, Linguagem e Currículo –
(UFRGS)

Dedico àqueles que contribuíram para minha formação pessoal e construção da minha identidade, aos amigos que não se encontram mais presentes, e a toda comunidade LGBTQIA+.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer imensamente a meus cinco melhores amigos, que hoje não se encontram mais presentes em minha vida, mas que estarão sempre no meu coração enquanto respirar. Sou muito grato por todo apoio e carinho recebido por todos eles ao longo dos anos.

Ao Leonardo Bini, que hoje se encontra a mais de dez mil quilômetros de distância de mim, obrigado por me fazer sentir amado e cuidado. Com você pude ter meus momentos de desavenças e alegrias, cujo os problemas nunca afetaram nossa relação que sempre se manteve forte. Você acima de tudo me apoiou em momentos dos quais foram bastante difíceis e reconheço tudo o que você já fez por mim. Sinto muito sua falta!

Á Popo, minha amiga e colega mais antiga, obrigado por fazer parte da minha vida, minha fiel parceira das noites de sábado com muita pizza, risadas e momentos de alegria. Sem você eu não conseguiria ter ido parar em Criciúma/SC com tanta facilidade e coragem por ser tão novo na época. Obrigado por estar sempre ao meu lado, me apoiando nos momentos que mais precisei, por ser essa companheira frequente e sempre presente na minha vida, não permitindo com que ficasse triste com a partida de nossos amigos tão queridos. Hoje você também se encontra a mais de dez mil quilômetros de distância e o que resta é a saudade.

Á Tais Rabelo, uma amizade que se tornou tão forte em um curto espaço de tempo. Você me mostrou que a Arte é o caminho para preencher os vazios que a vida nos lançava, e que a vida não bastava sem a presença da Arte em nosso meio. Me incentivou em minhas decisões, participou de uma *performance* comigo, da qual não acreditava que aquela menina “meiga” protagonizaria um dia. Você sempre me surpreende amiga! Obrigado por ter se encontrado presente nos momentos que mais precisei de alguém, onde coloquei tudo a perder por erros que a vida nos lança. Mantendo-se presente e forte, contribuindo para minha formação enquanto sujeito.

Á Hadda Biaggione, amiga e confidente, há três anos afastada de mim, a amiga mais próxima que a pouco voltou a residir em São Paulo. Eu nunca vou esquecer o seu jeito vegan abusadinho de ser ao tentar influenciar todos ao seu meio em tornar-se-iam vegans. Obrigado por todos os momentos e rolês já feitos por nós, se mostrar forte mesmo em momentos de grande confusão como foi o

caso de nosso último encontro. Valeu pelas “emoções” que me fizeste enfrentar. Criciúma sente sua falta bebê, assim como eu. Traga o brilho a esta cidade novamente haddadaista!

Ao Brahian Galli, por me proporcionar as melhores noites com jantares, ao som de Beyoncé ao longo desses anos. Mais um amigo que se encontra morando em outro país. Sinto falta do seu humor e das nossas constantes trocas de ideias. Por jogar sempre a real na minha cara, me proporcionando ter uma visão mais clara das coisas. E principalmente, por ser o advogado do grupo, que esteve sempre na defensiva nos auxiliando sobre os nossos direitos e deveres trabalhistas.

Á Kamo, colega, amiga, companheira e professora, que viu um enorme potencial em mim mesmo antes que pudesse me dar conta. Seus incentivos e conselhos foram e continuam sendo muito importantes pra mim. Contribuiu para que eu encontrasse minha própria essência do ser, se hoje me identifico como um professor de Artes, isso se dá pelas constantes conversas que tivemos ao longo do meu percurso acadêmico, me possibilitando obter uma visão ampliada das coisas. Você foi mais que uma amiga durante meu percurso na universidade, você foi uma mãe. Não tenho palavras pra descrever a pessoa maravilhosa que você é e a sorte que sua filha tem, em ter você como mãe.

Ao Gustavo Bieberbach, meu colega, professor e orientador, que possuo muita admiração por seu trabalho e capacidade de enxergar as coisas com uma visão outra. Hoje penso que não poderia ter escolhido alguém mais adequado para me orientar durante esse processo tão importante e significativo pra mim. Me permitiu voar entre minhas escolhas, ampliando minha visão para novas perspectivas e que sem dúvidas meu sucesso é reflexão das constantes trocas que tivemos ao longo desse semestre. Muito obrigado por se mostrar disponível a me ajudar em todos e quaisquer momentos.

Á Juliana Veloso, amiga e colega, que aceitou participar da minha banca e estar presente fazendo parte deste trajeto do qual ela contribuiu para minha inserção no meio artístico. Meu gosto pelo corpo e pela nudez passaram a ser melhor compreendidos por mim durante as oficinas de anatomia do corpo, as propostas para oficina foram um ponto chave para levar essa grande artista como referência e me instigar a continuar trabalhando a respeito dessas temáticas. Obrigado por sempre estar disponível para trocas de conversas e conselhos.

Á minha mãe, que sempre colocou a educação como ponto principal proporcionando o melhor para mim e meu irmão, dedicando-se durante esses 25 anos a nos contribuir a melhor educação e incentivando-nos a continuar sempre os estudos e principalmente ensinando desde pequeno a valorização e o respeito ao outro, por suas diferenças e crenças. Obrigado mãe, por se dedicar a esses anos todos a nos atribuir a melhor educação.

Á toda galera do C.A de Artes Visuais, há todos aqueles que vieram e foram, deixaram sua marca, pararam para tomar aquele cafezinho da Keke e ter longos devaneios. Todos vocês estarão pra sempre presentes na minha memória. Me acolheram e me fizeram sentir como se fosse minha casa, meu amor pela Universidade e pelo Curso se efetiva com a presença de vocês, e ao espaço que nos permite ter um local para descanso, mas também pra constantes trocas de ideias que requerem muitos aprendizados.

Por fim e não menos importante, a todxs 160.000 mil pessoas que na tentativa de desvalorizar meu trabalho, me tornaram mais forte e contribuíram para minha preparação psicológica diante do que é ser um artista e o peso que o mesmo carrega ao disseminar cultura para outros meios.

Á todos vocês, muito obrigado!

“Querer ser livre também é querer livres os outros”

BEAUVOIR, Simone de

RESUMO

A presente pesquisa se insere na linha de Processos, Poéticas e Educação do Curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESC, e tem como objetivo promover por meio da arte discussões e reflexões acerca da plurificação de identidades de gênero. Para tanto, apresento assuntos pertinentes para a pesquisa como, a representação do gênero na *performance*, a temática da diversidade, a pluralização cultural dos conceitos de gênero e sexualidade e suas problemáticas. Tomo como base teórica pesquisadores como Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Roque Laraia, Everardo Rocha, Roselee Goldbeg, Renato Cohen, Josette Féral e documentos norteadores da Educação como, a Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular de Santa Catarina e as Diretrizes Curriculares Nacionais, entre outros. Um dos meus principais questionamentos é de que forma o Ensino de Arte, pode plurificar o debate sobre gênero e sexualidade? Viso ainda fomentar discussões por meio de rodas de conversa e na idealização e realização de uma ação performática. Esta pesquisa tem forma descritiva, com uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada, resultando na análise de dados.

Palavras-chave: Artes Visuais. Gênero performativo. *Performance*. Gênero na escola. Sexualidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 Regurgitar o Consumismo. Julio Soares, Taís Rabelo. <i>Performance</i> , 2016	22
Imagem 2 Sem título. Popo. <i>Happening</i> . 2016.....	23
Imagem 3 Desesperos de um corpo julgado. Julio Soares. Fotografia. 2017 ..	25
Imagem 4 Marilyn Monroe. Playboy. 1953	26
Imagem 5 La Betê. Wagner Schwartz. <i>Performance</i> . 2017	27
Imagem 6 La Betê. Wagner Schwartz. <i>Performance</i> . 2017.	28
Imagem 7 La Betê. Wagner Schwartz. <i>Performance</i> . 2017.	29
Imagem 8 Charge - etnocentrismo	31
Imagem 9 Prática para pensar a identidade . <i>Happening</i> . 2016	35
Imagem 10 Orlan. <i>Sherif's Block Surgery</i> . <i>Performance</i> . 1986	36
Imagem 11 Marcelo D'Avilla, Marcelo Denny. "DEMØNIOS" <i>Performance/Dança</i> . 2018. SP	37
Imagem 12 Arte dos três atos. "DEMØNIOS" <i>Performance/Dança</i> . 2018. SP .	38
Imagem 13 Ilimitado. <i>Happening</i> . Julio Soares, 2016	39
Imagem 14 Gênero na escola	41
Imagem 15 Binarismo	43
Imagem 16 Bandeira Gênero Fluído	45
Imagem 17 Gênero Fluído ou <i>Genderqueer</i>	46
Imagem 18 Movimento contra o machismo.....	50
Imagem 19 DVDS disponibilizados pelo MEC.....	61
Imagem 20 Gráfico.....	66
Imagem 21 Escala de preconceito	67
Imagem 22 Agonio. Julio Soares. <i>Performance</i> . SC.2018	67
Imagem 23 Agonio. Julio Soares. <i>Performance</i> . SC.2018	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

PPP – Projeto Político Pedagógico

MEC – Ministério da Educação

MAM – Museu de Arte Moderna

PCSC – Proposta Curricular de Santa Catarina

T USP – Teatro da Universidade de São Paulo

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Agênero/Arromântiques/Assexuais, Pan/Poli e mais.

OAB-SP – Ordem dos Advogados do Brasil

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 ENTREMEIOS: DO <i>HAPPENING</i> A <i>PERFORMANCE</i> – ATRIBUIÇÕES PERFORMATIVAS	17
3 CONTRIBUIÇÕES PLURAIS: A <i>PERFORMANCE</i> ANTROPOLÓGICA NO ENSINO DE ARTE	30
4 EDUCAÇÃO, GÊNERO E A URGÊNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DA DIVERSIDADE NO CURRÍCULO	40
4.1 ANÁLISE DE DADOS	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6. PROJETO DE CURSO: PERFOPALESTRA	69
6.1 EMENTA	69
6.2 CARGA HORÁRIA	69
6.3 PÚBLICO-ALVO	69
6.4 JUSTIFICATIVA	69
6.5 OBJETIVOS	70
6.5.1 OBJETIVO GERAL	70
6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	70
5.6 METODOLOGIA	70
7. REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

Ao decorrer da vida, incluindo minha infância, meu corpo passou a sentir novas necessidades das quais eu não compreendia. Sofria *bullying*¹ por ter um jeito diferente dos outros meninos, era agredido física e verbalmente. Essas agressões ocorriam dentro e fora do ambiente escolar e ninguém jamais foi capaz de fazer algo que contribuísse para uma melhor convivência entre os estudantes daquela escola.

A jornada escolar se tornou um terror, eu tinha medo de falar a respeito das agressões que vinham me ocorrendo, o pânico pairava ao lembrar que no dia seguinte tudo se repetiria, na entrada da escola, nos intervalos e sucessivamente no término das aulas. O motivo era sempre o mesmo, se é que podemos chamar isso de motivo. Ouvia constantemente as palavras “gay”, “baitola”, “viadinho”, nem ao menos sabia o que significava isso na época. Crianças podem ser ingênuas e inocentes, mas também podem ser muito más.

Durante toda minha trajetória escolar do ensino fundamental isso acontecia repetidamente dia após dia, até que me forcei a beijar uma menina na tentativa de que isso fosse parar em algum momento. No ensino médio era um adolescente deprimido, rancoroso e angustiado, até que conheci outras pessoas que haviam passado pela mesma situação, eram homossexuais resolvidos. A partir desse momento percebi que não estava sozinho.

Nesse ínterim não se abordavam assuntos como gênero e sexualidade nas escolas e muito menos no meu âmbito familiar, fui crescendo presumindo que tudo isso era errado, de que eu era estranho e anormal, rezava para que tudo um dia pudesse enfim acabar, não me conhecia e também não imaginava que o mundo era repleto por diversos.

Parto de um pensamento que a falta de conhecimento e dúvidas que logo na infância se iniciam, a falta de diálogos sejam eles em casa com seus familiares ou na escola, demonstram o quanto é importante a abordagem desses assuntos desde cedo. Verificando documentos norteadores na área da

¹ **Bullying** é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso dia 27 Ago. 2018.

educação, a Base Nacional Comum Curricular torna explícitos nos currículos a abordagem dessas diversidades, os Projetos Político Pedagógico das instituições muitas vezes acabam por excluir esses itens importantes de suas políticas.

Em uma sociedade que se coloca a favor desses questionamentos, abre-se a possibilidade de formar cidadãos conscientes da importância do respeito e de uma sociedade igualitária, sejam pelos movimentos feministas ou homossexuais, entre outros.

Embora as relações sociais sejam construídas historicamente e culturalmente. A ideologia patriarcal, nos faz acreditar e naturalizar os papéis sociais entre meninos/meninas, devido alienação da consciência humana. Fazendo que haja um conformismo e descrença de que as coisas possam mudar, nos levando a acreditar, porque “sempre foi assim”, o que se pode gerar conformismo. (SILVINO; HENRIQUE, 2017, p.4)

A experiência que obtive na graduação foi um momento essencial para de fato barrar a interiorização construída ao longo dos anos. Pude conhecer pessoas talentosas que foram me adentrando cada vez mais na Arte e construir minha poética pessoal a partir do corpo. Esse corpo que sempre foi uma cápsula exteriorizada por feridas, estava cicatrizando aos poucos ao ter contato com a diversidade que nosso mundo nos proporciona.

Dessa forma tomo o corpo como objeto de estudo, com ênfase nas identidades constitutivas dos indivíduos, a partir de minhas experiências e vivências que foram se desdobrando ao longo desse percurso. Apoio-o me na linguagem da *Performance* e Intervenção para evidenciar artistas contemporâneos como Marcelo D’Avilla, Orlan, Popo, entre outros, que utilizam seu corpo como instrumento e suporte para elevar desdobramentos de como a Arte pode promover discussões sobre a plurificação de identidades de gênero, questionando nossa realidade desigualitária.

Minha linha de pesquisa se insere em Processos, Poéticas e Educação, trata-se da criação, do fazer e das linguagens no campo da educação. Estudo dos elementos e processos de criação, reflexão e poéticas do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a Arte e a Educação. Propondo-me a levantar reflexões e discussões sobre a plurificação das

identidades de gênero e da sexualidade, contribuindo para o respeito igualitário entre homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais e/ou quaisquer outras diferenças apresentadas e representadas.

Esta pesquisa possui classificação dos objetivos como descritiva, com o objetivo geral de promover por meio da Arte, discussões e reflexões acerca da plurificação de identidades de gênero, apresentando uma população livre de rótulos, com propósito de transparecer que gênero não é uma ideologia e sim uma identidade e que isso não significa rotular, desestigmatizando a ideologia unificada das identidades.

Proponho com a temática de gênero e sexualidade, utilizando artistas como referência na linguagem da *performance* que encontram na arte um meio de expressar suas angustias e abrir discussões sobre o que há de necessário a ser refletido no presente. Busco compreender e responder a seguinte problemática: De que forma o Ensino de Arte, pode plurificar o debate sobre gênero e sexualidade?

Os objetivos específicos por sua vez, são, analisar a importância do ensino sobre gênero e sexualidade através da *performance* nas aulas de Artes; investigar os documentos autorizados do governo federal e do município de Criciúma; perceber a materialidade do corpo através da performatividade; identificar através da *performance* as relações entre corpo, gênero, identidade e performatividade; verificar os documentos norteadores da educação, material publicado do governo sobre os assuntos na educação para o estado de Santa Catarina.

Durante o projeto de conclusão de curso, me propus a promover rodas de conversa acerca das temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, afim de poder levantar dados do que os jovens compreendem a respeito dessas abordagens, como público alvo o ensino médio, jovens de 15 a 18 anos de idade. Na expectativa que possa trazer alguns pensamentos sobre si e o outro para que haja conhecimento e argumentos plausíveis a respeito das identidades constitutivas desses indivíduos, não havendo preconceito e repreensão nessa diversidade de saberes. Pretende-se identificar também, a inserção da diversidade nos Projetos Político Pedagógico das instituições visitadas.

O procedimento metodológico é de natureza aplicada e A/r/tográfica, partindo de um método qualitativo, relacionando produções artísticas performáticas sobre os gêneros e sexualidades, destacando uma ideia rizomática criando relações entre a linguagem da *performance* e a educação.

A investigação é uma evolução contínua de perguntas e de novos entendimentos com novas questões e novas compreensões que, por sua vez, provocam ainda mais questões. [...]. Há um movimento constante na investigação de achados, já a pesquisa tende a buscar respostas e resultados. A/r/tografia, como apresenta adiante, enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do professor. Assim, a pesquisa está profundamente enraizada na noção de A/r/tografia, visto que pesquisa cria e reinventa para abraçar a investigação como uma forma de Pesquisa Viva. Investigação entendida na A/r/tografia como uma investigação "inquiry- Laden", uma forma poética conceitual de dizer que a investigação permeia todo o processo, ela transpira, é viva. (DIAS; IRWIN, 2013, p.15).

Com este projeto pude realizar um artigo no qual foi submetido em seminários e congressos no intento de expandir pensamentos adentrando outros lugares/espacos. Estamos inseridos em um mundo onde precisamos falar a respeito dessas identidades e da sexualidade. Precisamos ler mais, pesquisar mais, desconstruir alguns paradigmas que foram construídos durante nossa criação, nossa formação como um indivíduo pensante e menos reproduzidor daquilo que vemos e ouvimos sem buscar saber além do que ouviu.

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

Hoje, é ainda mais comum nos depararmos socialmente com as diferentes identidades que se manifestam, cada indivíduo é único e isso torna-se claro ao passar dos anos. A identidade cultural na pós-modernidade nos apresenta isso com muito mais clareza, identificada a partir de gostos, estilos, de quem somos e de como nos portamos identificam esse sujeito fragmentado.

A partir deste contexto a forma apresentada do problema é qualitativa, na qual segundo Minayo (2012, p.21) “essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros”. Utilizo da pesquisa de campo para perceber a presença da diversidade no PPP da instituição escolar e, nela promover rodas de conversa com discentes do ensino médio para conversarmos e obter informações sobre o que eles sabem e pensam sobre os gêneros, tendo em vista este sujeito que não obteve mediação em sua vida. A pesquisa não segue a forma de questionário, porque vai além de uma entrevista, sem o intuito de algo mecanizado que os possa constranger, uma roda de conversa que os permitissem deixá-los mais livres e poderem expor seus pensamentos.

A referida pesquisa percorre através de procedimentos técnicos bibliográficos, encontrados em livros, artigos, sites oficiais do governo e da saúde, ampliando para plataformas online de reprodução de vídeos, para fins contextuais das posteriores apresentações performáticas. Para compreender que tais temáticas estão em curso em um momento de emergente conservadorismo.

2 ENTREMEIOS: DO HAPPENING A PERFORMANCE – ATRIBUIÇÕES PERFORMATIVAS

A *performance*, assim como o *happening*, nasceu quase que simultaneamente através de seus precursores diretos, Jack Pollock² e Allan Kaprow³, como uma arte viva. Uma modalidade de manifestação artística que pode combinar linguagens como teatro, música, poesia e vídeo, tendo início em meados da década de 50, passando a ser aceita como expressão artística somente na década de 70. Uma arte efêmera, que assim como o *happening*, coloca o corpo do artista como objeto, utilizando a si próprio como suporte de expressão da arte.

Esse procedimento questiona a realidade do cenário artístico até então, liberando radicalmente os padrões estéticos, apropriando-se de outras linguagens justapostas, assim como Duchamp⁴ já realizara com seus *ready-mades*⁵ no início do século XX. Além disso, possibilita o surgimento de uma nova modalidade artística que viria a se tornar um movimento de expressão e comunicação corporal.

Naquele momento o minimalismo, assim como a arte conceitual

uma arte de ideias, mais do que de produtos, arte não comprável ou vendável – estava em seu apogeu e a *performance* teria sido uma das formas de demonstração destas ideias (GOLDBERG, 1996, p.7).

Seus elementos eram geradores de novas significações, apropriando-se de lugares, situações e da vida cotidiana, surgindo uma expressão de arte-corpo-comunicação. Com o advento do surgimento da tecnologia os registros dessas ações se tornaram possíveis, fazendo com que esses artistas *performers* pudessem entrar para a história da arte.

² Jackson Pollock (1912+1956), foi um importante pintor do expressionismo abstrato norte-americano. Seu estilo artístico é caracterizado pela técnica do *Action Painting* (Pintura de Ação), característico pela presença do movimento, energia e velocidade.

³ Allan Kaprow (1927+2006), foi um artista americano que se destacou no painel de fundação da arte contemporânea pelo pioneirismo na exploração dos *happenings* enquanto expressão artística. (NARDIM, 2009, p.6)

⁴ Marcel Duchamp (1887+1968), foi um importante pintor e escultor Francês, representante do movimento artístico Dadaísmo. Criador dos *ready-mades*, rompendo o cartesianismo e introduzindo objetos da vida cotidiana no campo das artes.

⁵ *Ready-made* são caracterizados por objetos comuns destacados de seu contexto e transformados em obras de arte.

Uma *performance* pode ser realizada na presença de público ou não, daí vem a importância atual dos registros. Através da manutenção destes registros, há a possibilidade de se vender a referida obra para galerias e espaços de arte sem a necessidade da repetição. A repetição não é algo comum na *performance*, mas em casos específicos ela pode vir a ser reapresentada, com alterações em cada ação.

É uma modalidade artística interdisciplinar que veio para transgredir o cenário da arte atual, desmistificando o olhar do leigo sobre a arte apenas como pintura, escultura e artesanato. De fato, “a *performance* mudou a partir dos anos 80 e teria deixado de ser uma função (transgressiva) para passar a ser um gênero artístico entre outros”, como defende a pesquisadora Josette Féral (1992, p.148).

A *performance* situa-se em dois módulos,

no limite das artes plásticas e das artes cênicas, sendo uma linguagem híbrida que guarda características da primeira enquanto origem e da segunda enquanto finalidade (COHEN, 1987, p.7)

Esta afirmação nos faz pensar que essa linguagem não está inserida apenas em movimentos artísticos, se ampliarmos a discussão para os modos de vida da sociedade, pois os sujeitos performativos somos todos nós. Um exemplo disso seriam as divisões que ela poderia apresentar, como a *performance* antropológica e a artística.

Para refletir sobre *performance* antropológica, cito Victor Turner (1920-1983), antropólogo britânico, reconhecido por seus trabalhos com símbolos, rituais e ritos de passagem. Este termo, antropologia da *performance* está muito ligada a performatividade, ou seja, a esse sujeito performativo que está inserido no contexto social na qual se apresenta socialmente ao público, seja nos shopping centers, na escola, no trabalho e em mídias sociais. Podemos ainda pensar no próprio ser como suas expressões de gênero, sua sexualidade, a identidade romântica, as *drag queens*, entre outros.

É um modo inerente de enxergar a vida social como um conjunto de atos performativos que integram, dramatizam, comunicam e modificam o espaço e o *status* social. Enquanto a *performance* artística trabalha com o discurso do corpo e é mantida como a expressão-comunicação da apropriação da vida cotidiana a

questionar fronteiras das culturas associadas à nossa sociedade para comunicar e/ou expressar algo relevante aos atuais acontecimentos.

A *performance* artística se distingue do *happening* pelo seu aparato sofisticado e a complexidade pela qual são realizadas as ações. O *happening* se apoiará mais em esquetes⁶, grupos, ênfase social, materiais mais simples, na improvisação, realizando ações geralmente sem repetição. Enquanto a *performance* utilizará materiais mais sofisticados, se apropriará da ação individual, mais que o grupal, tendo objetivos mais estéticos e conceituais, suas ações podem ter mais possibilidades de haver repetição, porém com diferenças em cada apresentação. Com base nessas indagações, podemos pensar que mesmo visto socialmente como sendo dois módulos unificados, elas possuem suas respectivas características.

Costuma-se chamar toda e qualquer ação de *performance*, sendo que socialmente é mais comum haver o *happening*, os rolezinhos⁷ e os flashmobs⁸ que a própria *performance*. Glusberg viu no *happening* a composição de diversas disposições internas que tinham como denominador comum a proposta de

desfetichizar o corpo humano – eliminando toda exaltação à beleza a que ele foi elevado durante séculos pela literatura, pintura e escultura – para trazê-lo à sua verdadeira função: a de instrumento do homem, do qual, por sua vez, depende do homem. (GLUSBERG, 1996 p.43).

Intrínseco à *performance*, temos a questão da performatividade, que está ligada à forma na qual nos posicionamos diante dos fatos. Ao acordar pela manhã esquematizamos tudo o que iremos fazer ao longo do dia, os gestos e signos que reproduzimos, os modos de falar e agir são atos performativos.

A performatividade está em todos, todos somos seres performativos, diante do outro e até pela forma como nos vestimos ordenam a ordem performativa, é de caráter criado, pois tem relação com a máscara que utilizamos

⁶ Pequenas peças ou cenas dramáticas

⁷ São encontros marcados pela internet por jovens da periferia, teve início no final de 2013 e vem sendo executado como um tipo de *flashmob*. Esses movimentos são programados sempre pela internet, geralmente pelo facebook, onde estes jovens por vez vão para shopping centers da grande metrópole cantar e dançar refrãos de funk.

⁸ São movimentos aglomerados realizados de forma instantânea em algum local público para realizar determinada ação, geralmente são executados em dança, mas podem conter outros artifícios, desde 2003 vem tomando proporções bastante curiosas, se realizado de forma bem organizada, vem a ser bem impactante.

para determinadas situações e momentos do nosso cotidiano (como me relaciono com uma pessoa, converso com outra e me apresento diante de outra), essas relações nos mostram um sujeito fictício, no qual em poucos momentos estamos sendo nós mesmos e sim personagens criados por nós para se socializar com o outro.

Um dos momentos em que podemos dizer que estamos sendo nós mesmos, livres dessa performatividade, seria quando estamos em estado de embriaguez, é onde nos libertamos e permitimos transpor a verdadeira persona que existe em nós e que não aparece socialmente no nosso cotidiano.

As *drag queens*, por exemplo, são personas performativas, pois são personagens criados para se apresentar ao mundo, esses personagens são identificados a partir de suas maquiagens artísticas, roupas diferentes de seu sexo anatômico, acessórios, modos de agir, falar e se portar os apresentam também com expressão de gênero.

O gênero em si é performativo. A maioria das pessoas estudam, cozinham, trabalham, se divertem, dançam, constroem moradias,

[...] do mesmo modo que desempenham papéis sociais: são pais, filhos, tios, avós, cunhados e sobrinhos, dedicam-se as mais diversas profissões e atividades dentro da sociedade, conformando uma múltipla e densa rede de interações. (MOSTAÇO, 2009, p. 15).

Diante dessas questões, podemos perceber como constantemente estamos performando para si próprio e para o outro, conformando uma rede de interações que se constroem a partir da nossa subjetividade e na construção de nossa identidade.

Ao nascer, chegamos ao mundo performando, de forma a qual nossos gestos e signos passam a ser compreendidos pela mãe e ao passar do tempo vamos nos construindo e modificando nossa personalidade. Essa construção vem através do nosso contexto sociocultural, de forma na qual vamos nos apropriando de costumes e trejeitos do meio onde estamos inseridos. Ao longo do processo, vamos nos construindo e desconstruindo a cada dia, isso porque vamos percebendo o que é importante para integração e o que acaba não sendo mais importante devido as constantes transformações que o indivíduo passa a todo instante.

Os grupos e contextos dos quais o sujeito vai se inserindo, influem diretamente nessa apropriação. Podemos encarar o ser como um sujeito fictício, dizendo, hipoteticamente, que há muito tempo atrás houve um sujeito original, e hoje nos tornamos representações desse sujeito visto pela sociedade.

Nossos costumes, posicionamentos, as relações interpessoais, mudam a cada minuto diante dos fatos, contextos e indivíduos que socializamos. Para cada ambiente ou pessoa, acabamos por transpor diversas personas das quais acreditamos ser a mesma, mas inconscientemente incorporamos algo a mais em nossos costumes para socializar com o outro. A forma pela qual você se porta no seu ambiente de trabalho, muda ao encontrar um familiar, um amigo, um desconhecido e no espaço escolar, dá indicações de que o sujeito possui uma identidade para cada contexto social ou talvez, múltiplas personalidades.

Ao discorrer sobre esses assuntos, apresento artistas que trabalham com o corpo como forma de expressão-comunicação, seja pela *performance* ou *happening*, retratando as mais variadas características dessa performatividade, possibilitando levantar reflexões e discussões das fronteiras culturais, do cotidiano associados a sociedade, sobre gênero e sexualidade na atualidade.

Gostaria de expor uma das ações que realizei juntamente com Tais Rabelo durante o II Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação: Políticas de Formação nos Países Ibero-Americanos.

A *performance* intitulada “Regurgitar o Consumismo”⁹ (Imagem 1) pretendia trazer a discussão de escarrar o consumo desenfreado de alimentos e do materialismo de supérfluo. Baseada na obra “*Vidas Para o Consumo*”¹⁰ e seguindo a teoria de Zygmunt Bauman, apresentava-se um aspecto original relacionado à pesquisa da linguagem da arte da *performance* e intervenção que visava discutir questões da transformação da própria pessoa em mercadoria.

⁹ A ação foi apresentada de modo em que ambos *performers* empurravam goela abaixo um no outro alimentos que se refletidos, prejudicam a saúde humana e ao decorrer da referida ação, os *performers* vomitavam um no outro. Vídeo disponível na plataforma Vimeo no link a seguir: <https://vimeo.com/196954543>

¹⁰ Obra literária de Zygmunt Bauman (1925-2017), foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de Sociologia das Universidades de Leeds e Varsóvia.

Imagem 1 Regurgitar o Consumismo. Julio Soares, Taís Rabelo. *Performance*, 2016



Fonte 1 Acervo do pesquisador

Tomo a expressão de Bauman "De forma irrefletida" para falar o quanto a sociedade imerge no consumismo desenfreado tornando irrelevante toda forma saudável de viver. Sociedade que só tem uma escolha, a de trabalhar e viver sua vida em função do comprar, consumir, faltar-se, e comprar mais.

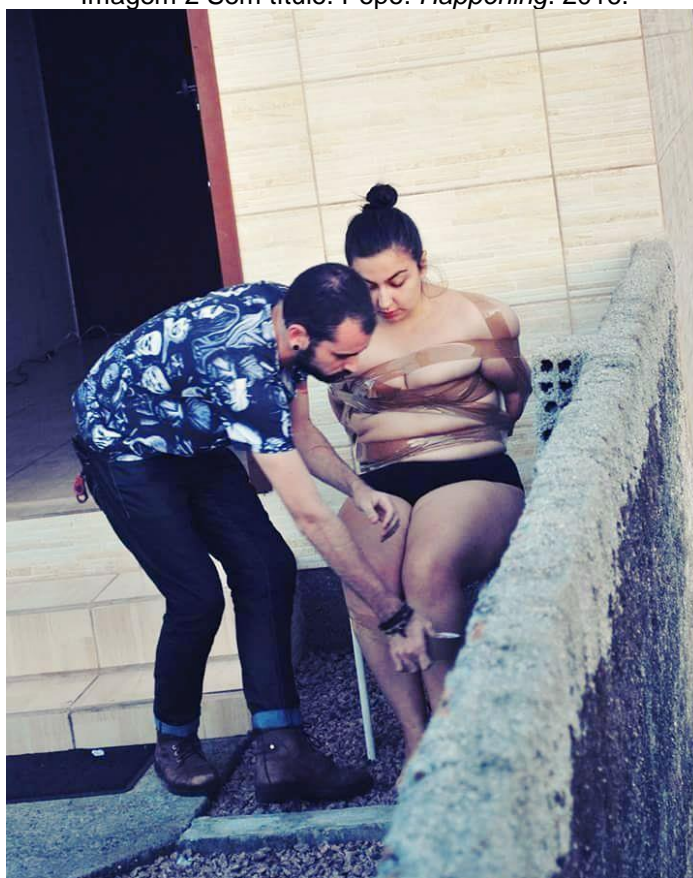
Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. (BAUMAN, 2008. p.76)

A *performance* possibilita ao artista obter contato direto com o público, fazendo com que tenha resposta imediata da ação. Obter um entendimento lógico ou não do que acabou de ser visto não importa, ela abrirá a percepção dos espectadores para outros canais de entendimento, perceptivos, cinestésicos, emergindo sensações e reflexões subjetivas dos espectadores. Essas reflexões partem de uma fruição estética, que pode mais facilmente ser

apreciada, quanto mais filmes, visitas em espaços culturais, exposições, músicas, apresentações, leituras o indivíduo consumir.

Quanto de nós, ao acabar de assistir a um filme ficamos com aquela sensação de que não vimos a hora passar... Este fator é ocasionado porque você acabou de ter uma imersão em uma obra que lhe proporcionou essa transcendência, ou melhor, uma fruição estética.

Imagem 2 Sem título. Popo. *Happening*. 2016.



Fonte 2 Acervo do pesquisador

Em mais um Sarau de Artes realizado pelo Centro Acadêmico Ines Furlanetto, nesta universidade, a artista Popo¹¹ foi convidada para apresentar uma intervenção (Imagem 2) em mais uma edição do evento que ocorreu em maio de 2016. O evento tem por finalidade promover e disseminar a cultura local, dando espaço para artistas regionais poderem expor seus trabalhos. Artistas de

¹¹ Pseudônimo de Priscilla Reinert. Artista visual, fotógrafa e designer brasileira, radicada em Boston, Massachusetts. Seus trabalhos possuem ênfase no corpo volumoso, em estudos de autorretrato.

todos os lugares Brasil são convidados para o evento que já conta com mais de dez edições.

A ação discute as relações do corpo volumoso com os padrões impostos midiaticamente e socialmente pelas comunidades. Ao decorrer de três horas, Popo foi amarrada e abandonada em um canto específico do local onde ocorria o evento.

Seminua, em um fim de tarde pouco ensolarado, temperatura caindo, chegando à 10°C até o fim da ação, a artista percebe na arte um meio de expressar livremente suas angustias e mágoas antepassadas utilizando seu corpo como meio de expressão crítico-social. Esse corpo que não é bem visto socialmente, um corpo alvo de *bullyings* e discriminações que o sondam a muitas décadas. Seu papel de militante, enquanto artista, vem para poder desfetichizar o corpo e trazer alguns pensamentos sobre o mundo de diversos em que habitamos.

A ação tinha por meio investigar o comportamento humano ao se deparar com determinada situação, um entremeio à frente de fazer alguma coisa e não fazer nada. O *happening* tinha o objetivo que houvesse a interação do público, que poderia intervir com esse corpo de forma a convir com cada espectador.

Interessante pensar que em ações como *happening* e/ou *performance*, quando estruturadas na integração e participação do público geral, podem levar a resultados inimagináveis. Exceto quando o público é avisado de que poderia intervir em determinada ocasião/ação.

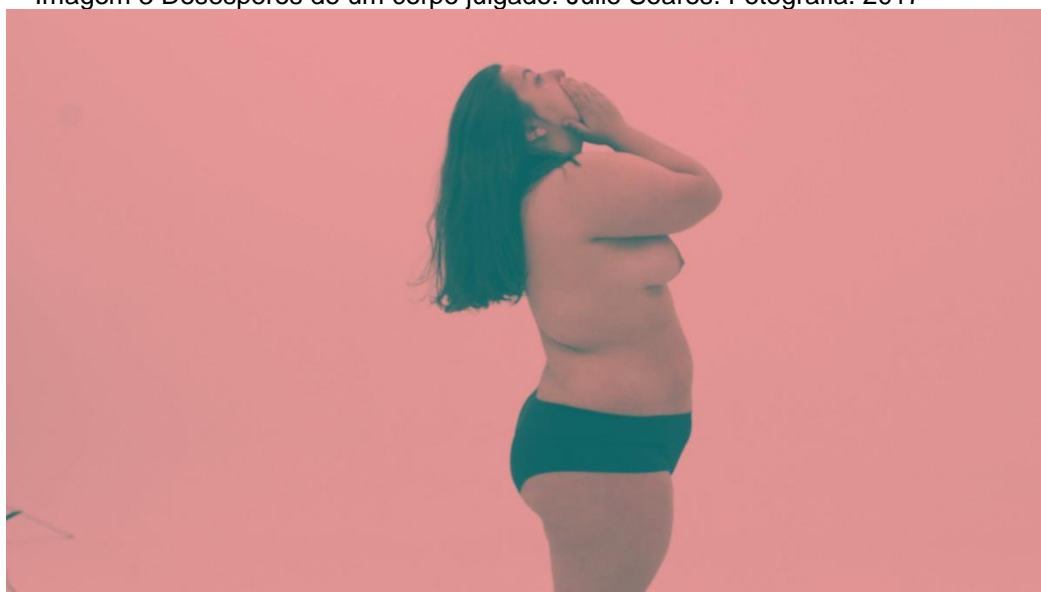
Ao longo da apresentação, alguns espectadores tocaram na artista, outros a sujaram, tiraram seu prendedor de cabelo e levaram para si. Após três horas que percorreram a ação, outra espectadora que havia acabado de chegar ao evento corta as fitas que prendiam a artista na cadeira.

Recordo-me de que essa pessoa que cortou as fitas, era uma das amigas da Popo, que já sabia da intervenção que ocorreria no evento e finaliza a ação propositalmente, se levado em conta a duração e a temperatura. Fica claro que a artista poderia ter passado a noite naquela situação se alguém não tivesse demonstrado atribuições afetivas para com uma pessoa cujo corpo volumoso, estaria posto em tal circunstância. Sobre a ação a artista relata que:

Chegando o dia da performance meu corpo todo se anestesiou quando eu sentei na cadeira e senti as cordas me segurando. Comecei a me sentir mais segura. O dia ia passando, o frio ia aumentando e meus dedos estavam arroxados e minhas pernas marcadas pelas fitas. Lembro que fechei meus olhos e ali fiquei concentrada tentando não pensar em nada, esvaziar totalmente minha mente, tentando não pensar em ninguém que estava presente. A dor que eu sentia em meus braços marcados pelas fitas me anestesiava ainda mais, eu quis testar meus limites, quis testar os limites do meu corpo naquela situação. Apesar de sentir dores, nada se comparava as dores que eu sentia no passado. (REINERT, 2017, p. 57-58)

Vivemos na era da cultura visual, em que o erótico se torna símbolo sexual, seja masculino ou feminino, e a mercantilização desses produtos fica expansiva a ponto de ditar normas. A erotização, o nu, o despido, tornam-se performativos, a ponto de criar e recriar significações de contextos sociais e a persistência atual que o corpo volumoso enfrenta ao ser visto como um corpo sem saúde.

Imagem 3 Desesperos de um corpo julgado. Julio Soares. Fotografia. 2017



Fonte 3 Acervo do pesquisador

Marilyn Monroe, por exemplo, foi uma das primeiras mulheres a se tornar um símbolo sexual logo na década de 50, por protagonizar filmes com cenas eróticas e posar para revistas com mesmo teor (Imagem 4). Precisamos enfatizar que o erótico não está ligado ao ato obsceno em si do toque, mas ocorre em suas pequenas particularidades, encontramos ele em nós e no outro. Oras o termo também é remetido ao nu e ao despido, termos distintos que representam

para sociedade a mesma significância. Enquanto o nu nos apresenta um ideal de beleza, ideia de perfeição o termo despido é totalmente oposto a ele.

Imagem 4 Marilyn Monroe. *Playboy*. 1953



Fonte 4 Disponível em: <<http://static.glamurama.uol.com.br/2015/08/abre2.jpg>>

Despido, é estar sem roupa, mas sem o ideal de perfeição, ou seja, as revistas eróticas mais famosas no mundo hoje, como exemplo a *Playboy*, trabalham com o erótico a partir do nu, com uma ideia de perfeição que se disseminou mundialmente, contribuindo para reforçar os padrões estéticos de beleza com uma ideia de perfeição e ideal de beleza.

Na disseminação de produtos eróticos os espectadores cumprem o papel de *voyeur*¹², que nada mais é que o prazer por apreciar o ato erótico sem a necessidade do toque. Esse papel vem sendo cumprido na sociedade a partir da globalização em massa do ato erótico. Podemos ver a nudez disseminada em todos os lugares, nas revistas, nos filmes, na televisão, nas ruas, seja por meio

¹² O termo representa o ato, uma prática que consiste em um indivíduo obter prazer sexual através da observação de pessoas praticando sexo ou nuas. Onde nem sempre vem acompanhado do prazer sexual, mas o prazer por invadir a privacidade sem o consentimento, também podendo ser designado como stalker.

de outdoors ou em bancas de jornais, e em diversos meios onde o marketing se torna expansivo.

Imagem 5 *La Betê*. Wagner Schwartz. *Performance*. 2017



Fonte 5 Folha de São Paulo

Uma relação entre erótico e arte que causou muitos burburinhos na mídia no final de 2017, foi a realização de uma *performance* do bailarino Wagner Schwartz (Imagem 5), onde o *performer* realizou uma releitura de uma escultura da artista Lygia Clark intitulada “Bichos”. A *performance* foi realizada no MAM - Museu de Arte Moderna e causou discursos de amor e ódio, porém o que acaba por entrar em destaque são as disseminações de ódio por parte da população que não busca tentar entender o ato ocorrido no museu, ainda mais quando se trata de uma criança envolvida, mesmo que com o consentimento da mãe.

A ação se tratava da manipulação do corpo do artista pelos espectadores (Imagem 6), assim como a obra “Bichos” de Lygia Clark propunha a manipulação de bichos feitos em metais para participação do público em um momento em que muito se comentava sobre a importância da participação do espectador que além de contemplar uma produção, poderia também transformar e recriar novas formas.

A *performance* realizada foi intitulada de “La Bête”¹³, em que foi divulgado um vídeo do artista nas redes sociais no qual ele estava nu diante de uma criança. O vídeo nos mostra esta criança sendo incentivada a se aproximar do *performer* e encostar suas mãos em seus pés e tornozelos (Imagem 7). Suficiente para que até os não apreciadores de arte se manifestassem sobre o ocorrido. Os discursos a respeito de como nossa sociedade estimula a violência e faz apologia ao estupro foi tamanha, menções como “pedofilia”, “estupro”, tomaram conta das manchetes e das mídias sociais, em tentativa de desvalorizar o trabalho do *performer*.

Imagem 6 *La Beté*. Wagner Schwartz. *Performance*. 2017.



Fonte 6 Folha de São Paulo

Importante destacar que o MAM havia colocado placas onde indicavam nudez no local e precisamos salientar também que todo manifesto tirou total contexto da apresentação. Para Dinovan Oliveira, membro da comissão de direitos as Artes da OAB-SP, associar obras com nudez à pedofilia e erotização é histeria. “A liberdade de expressão artística é um valor fundamental, que deve

¹³ Tradução: O Bicho Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iP1IISN-5lg>>

ser defendida. Não consigo enxergar responsabilidade do MAM, que cumpriu sua obrigação ao orientar os visitantes sobre a existência de um nu”.¹⁴

Imagem 7 *La Betê*. Wagner Schwartz. *Performance*. 2017.



Fonte 7 Folha de São Paulo

A terceira ilustração (Imagem 7) se trata de um *still*¹⁵ de vídeos e notícias que circularam midiaticamente na imprensa, pudorizando o corpo e marginalizando a *performance*. Em vídeos da ação publicado nas mídias, podemos analisar que em diversos deles apresentavam inicialmente um contexto poético e conceitual da *performance*, mas quando a criança entra em cena, tudo muda.

Com sagacidade e uma melodia dramática ao fundo, diversas pessoas se aproveitam de determinadas situações para discutir a moral católica atrasada para os dias de hoje, efervescer discussões e ampliar conceitos ideológicos dos quais não são colocados em prática muitas vezes. A mídia e/ou população encontra na ação a oportunidade perfeita para tirar total contexto da apresentação de modo a exagerar intensamente, se aproveitando de momentos e situações cotidianas para abrir discussões e debates a respeito do ocorrido.

¹⁴ Folha de São Paulo Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1923798-crianca-em-performance-com-nudez-provoca-mostras-de-odio-e-amor-a-arte.shtml>>

¹⁵ Captura de tela

3 CONTRIBUIÇÕES PLURAIS: A *PERFORMANCE* ANTROPOLÓGICA NO ENSINO DE ARTE

A história da humanidade é composta por seres, dos quais seus costumes, sua origem, evolução, desenvolvimento físico, material, crenças, características raciais, costumes sociais e culturais, passam a ser estudos constantes no limite das artes assim como da antropologia como estudo central.

A linguagem da *performance* irá nos proporcionar uma aproximação maior de compreensão com a plurificação de identidades mantidas pela repulsa vista pelas lentes do outro. Ruth Benedict¹⁶ escreveu em seu livro *O crisântemo e a Espada*¹⁷ que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. (LARAIA, 2004, p.70) O ser humano utiliza de diferentes lentes para observar o mundo, fazendo com que tenhamos visões desencontradas das coisas, dos quais cada grupo e/ou cultura coloca sua própria cultura como ponto de comparação com as outras.

Como exemplo disso, podemos falar dos índios Tupi¹⁸, que na Amazônia utilizam as árvores como ponto de referência para se localizarem por caminhos e com o outro, o que para nós, não passa de um amontoado de árvores. Por outra perspectiva, nós que vivemos no meio urbano, utilizamos prédios e outros pontos centrais como referência.

A nossa herança cultural sempre nos condiciona a reagir depreciativamente diante daqueles que tiverem um comportamento fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.

Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente¹⁹, por exemplo, o homossexual corria o risco de agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda é objeto de termos depreciativos. Tal fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. Esta atitude varia em outras culturas. Entre algumas tribos das planícies norte-americanas, o homossexual era visto como, um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural, e portanto respeitado. (LARAIA, 2004, P. 71)

¹⁶ Antropóloga americana (1887-1948)

¹⁷ Primeira publicação 1946

¹⁸ LARAIA, R.B. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.70

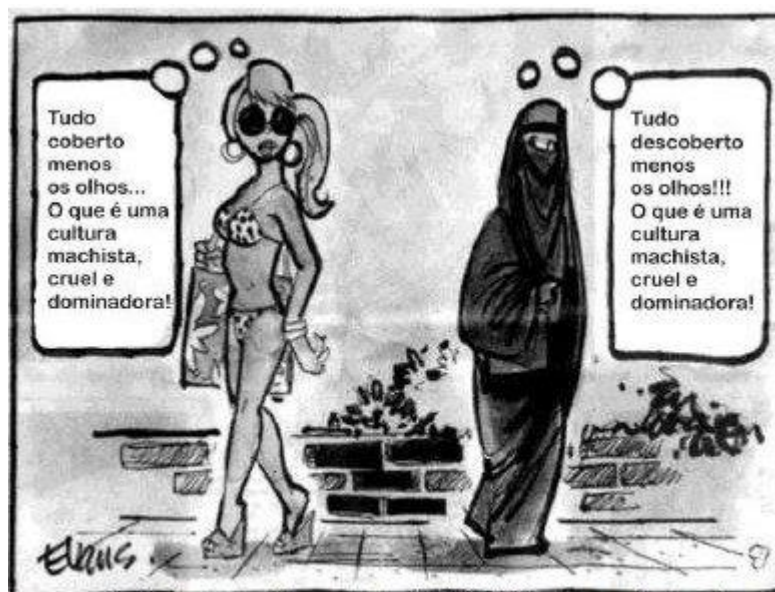
¹⁹ Ainda há no mundo um movimento reacionário e conservador proeminente e atual que continua cometendo estes tipos de crimes.

De fato, a sociedade possui sua visão centrada no etnocentrismo, onde sua cultura e seus costumes são ideais, a ponto de julgar o outro por suas diferenças. O antropólogo Everardo Rocha afirma que:

[...]a colocação central sobre o etnocentrismo pode ser expressa como a procura de sabermos os mecanismos, as formas, os caminhos e razões, enfim, pelos quais tantas e tão profundas distorções se perpetuam nas emoções, pensamentos, imagens e representações que fazemos da vida daqueles que são diferentes de nós. Este problema não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade. Talvez o etnocentrismo seja, dentre os fatos humanos, um daqueles de mais unanimidade. (ROCHA, 1988, p. 7)

Já a perspectiva do relativismo cultural é uma construção da Antropologia, que vê diferentes culturas de forma livre de etnocentrismo, o que quer dizer sem julgar o outro a partir da sua própria visão e experiência. Relativizar é deixar o julgamento de lado, assim como se afastar de sua própria cultura a fim de entender melhor o outro.

Imagem 8 Charge - etnocentrismo



www.contextoshistoricos.blogspot.com.br/2014/03/avaliacao-de-sociologia-segunda-serie.html#/tombck

Fonte 8 Disponível em: <<https://cursoenemgratuito.com.br/etnocentrismo-sociologia-enem/>>

O papel da arte, explicitado na charge²⁰ contribui para as relações culturais, de modo que podemos compreender que esse conceito parte de todo

²⁰ Artista desconhecido

o complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. É um conceito que está sempre em desenvolvimento, dado que com o passar do tempo a cultura é influenciada por novas maneiras de pensar e inerentes ao desenvolvimento do ser humano, compreendida também como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos.

Tomemos a arte performática como ponto de vista para esta explanação. A palavra *performance*, de origem inglesa, significa 'atuação, desempenho', já no contexto das artes, a *performance* se designa às apresentações de dança, teatro, mímica, canto, malabarismo, referindo-se ao executor como *performer*/performista. Atribuído a noção da palavra e inerente aos costumes humanos, pensar nas atividades rotineiras do indivíduo assim como

[...] atividades de lazer como *performance* significa, desta forma, considerá-lo como experiência que pode possibilitar ao sujeito colocar-se em uma situação de liminaridade, configurado em uma antiestrutura social, podendo, portanto, proporcionar um sentimento de *communitas*, uma experiência em que os sujeitos podem desenvolver sua consciência crítica em relação a si mesmos e à realidade social. (GOMES, 2010, p. 20)

Pensar em *performance* é pensar na vida social e cotidiana, passível de receber treinamento, um elemento corporal que possui plasticidade, um comportamento restaurado a partir de uma experiência de vida, com drama social e/ou estético, em que o espectador performa em sua imaginação juntamente com o *performer* que observa.

De acordo com Victor Turner, a experiência se completa através de uma forma de "expressão". *Performance* – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, "completar" ou "realizar inteiramente" – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A *performance* completa uma experiência. Porém, o que se entende por completar? Essencial à *performance* – e, aqui, também recorremos a Turner – é a sua abertura. Ou, em outros termos, o seu não-acabamento essencial. (DAWSEY, 2006, p.22)

Através da *performance*, podemos identificar a materialidade do corpo e, inerente a tudo isso, a sensibilidade e espiritualidade. A partir dos exercícios de consciência corporal, que podem estar ligados diretamente ao fazer

performativo e artístico instituem práticas reguladoras que contribuem para o desenvolvimento fisiológico e sensível, para identificar a plasticidade do corpo e perceber que este corpo não é feito só de materialidade.

Os meios sociais, assim como as instituições de ensino regular, são constituídas por indivíduos de diferentes culturas, e a partir do que já foi indagado sobre o etnocentrismo e a importância de se manter como relativista, parto de um ponto onde a escola peca por descartar conceitos importantes para se viver pacificamente deixando o julgamento de lado, a fim de entender melhor o outro.

Tomemos a discriminação como ponto para discussão e, no primeiro degrau dessa cadeia hierárquica colocaremos os problemas de gênero e orientação sexual. Estes, por sua vez, são temáticas centrais que sofrem algum tipo de preconceito. Dessa forma, podemos pensar que todos estamos aptos a formular algum tipo de pensamento que pode vir a ser preconceituoso. É algo que foi construído no ser humano a partir dos contextos culturais, de maneira que esse tipo de pensamento vem sendo visto como normal. Já a discriminação é a exteriorização desse pensamento, podendo causar danos físicos e/ou psicológicos nas vítimas.

Muitas vezes esses atos são considerados normais, pela frequente ocorrência que vem acontecendo. Partindo para o âmbito escolar especificamente da sala de aula, as instituições precisam estar aptas a adentrarem em seus Projetos Político Pedagógico (PPP) currículo institucional, mediações acerca de gênero e sexualidade, assim como toda a diversidade que também é membro dessa sociedade e cumpre papel importante como cidadã(o).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)²¹ determina tais mediações, porém, na prática várias das ações obrigatórias contidas neste documento tão importante para a educação, não são aplicadas no contexto da sala de aula. Acredito que não existiria tanta desigualdade de gênero e sexo, caso fossem realizadas discussões sobre o mundo de diversos que habitamos, a se iniciar na infância.

A falta de mediação que há a respeito dessas diversidades é tamanha que o sujeito fica com o seu pensamento próprio, naturalizado pelo contexto social que o indivíduo está inserido, sem buscar saber além do que ouviu,

²¹ Terceira versão do documento. Abril 2017.

levando aquilo como uma verdade única e incontestável, baseado no senso comum, sem poder alcançar um novo conhecimento real a partir do que já sabe. Por que o Brasil precisa discutir gênero? De que forma a Arte pode contribuir para a inserção desses assuntos no currículo escolar?

Sobre diversidade, a BNCC nos apresenta um número lamentável de páginas, como se não fosse suficiente a formação humana enquanto ser humano crítico, capaz de racionalizar, perceber que estamos inseridos em um mundo de diversos e o quão rico isso é para a humanidade.

Os povos etnocêntricos desvalorizam o outro, sem perceber que entre esses próprios povos todos estão cercados por diferentes, com características parecidas, como a classe social, se alimentam e se vestem da mesma maneira, gostam de coisas parecidas, conhecem problemas do mesmo tipo, entre outros. Enquanto para os “outros”, o grupo do “diferente” que as vezes nem fazem as mesmas coisas, e quando o fazem é tão diferente que não o reconhecemos como tal,

[...]a questão da identidade e da diferença tem caráter político. O direito à diferença se manifesta por meio da afirmação dos direitos de crianças, mulheres, jovens, idosos, homossexuais, negros, quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, entre outros, que, para de fato se efetivarem, necessitam ser socialmente reconhecidos. Trata-se, portanto, de compreender como as identidades e as diferenças são construídas e que mecanismos e instituições estão implicados na construção das identidades, determinando a valorização de uns e o desprestígio de outros. É nesse contexto que emerge a defesa de uma educação multicultural (BRASIL, 2014, p.55).

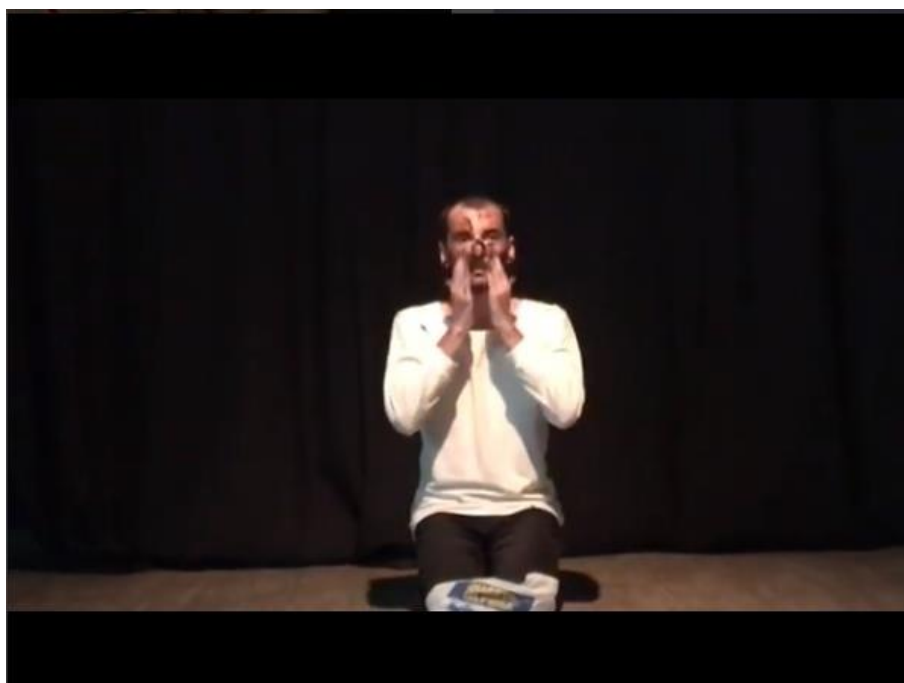
Algumas instituições reestruturam o PPP mediante reunião com os pais para que seja estruturado em coletivo, já outras instituições realizam mediante reunião somente com os colaboradores. Em instituições que se negam a integrar esses conceitos nos currículos, negam também sua participação na luta a favor de direitos igualitários.

Os pais não falam a respeito com seus filhos, movimentam-se contra quando os filhos presenciarem algo do gênero, então pensamos... Como nós, professores de Arte, mediaremos esses conceitos imprescindíveis para a formação humana e conhecimento do outro? De que maneira transformaremos o olhar de cada indivíduo para que este possa ver o outro como um sujeito diferente? Este transformado deve se caracterizar por um olhar de aceitação e não de obrigatoriedade e nem conveniência.

Para isso, precisamos utilizar das possibilidades que temos para elencar meios e soluções de como poder inserir essas abordagens em instituições de ensino. Já é um grande passo, a presença do indígena, do quilombola, das culturas afro-brasileiras, inseridas nesse currículo. Mas isso não basta! Onde estão os outros? Quem são os outros que passam a ficar excluídos? Qual o medo que os pais apresentam ao resistir a permissão dos filhos ao presenciarem tal mediação? Seria medo da inversão? Da aversão?

Uma das possibilidades seria a introdução da linguagem da *performance*, que assim como nas práticas de consciência corporal, torna-se fundamental para o que poderíamos chamar de “estudos do corpo”²². A consciência corporal, tem relação com a atenção aos próprios movimentos e a relação do corpo no espaço que ele ocupa. Contribuindo para o autoconhecimento, compreendendo sua materialidade e sua mente. Nesse universo paralelo de oportunidades, cabe aos professores incorporarem tais assuntos em momentos oportunos de suas mediações.

Imagem 9 Prática para pensar a identidade²³. *Happening*. 2016



Fonte 9 Acervo do Pesquisador

²² Grifo do pesquisador

²³ Prática desenvolvida durante a aula de *Performance* e *Intervenção*, pensando na pluralidade de identidades, há uma transmutação de sujeito, realizado com a reutilização do pó de café.

As aulas de *performance* podem ser um início para percorrer os entremeios para abordar estas questões, tratando-as como parte constitutiva de um indivíduo, levando a perceber que cada ser é construído por suas características individuais, conhecendo e reconhecendo o outro por suas diferenças e capacidades pertinentes a cada um.

Podemos destacar inúmeros artistas que trabalham com a questão da identidade e da alteridade. Nas próximas páginas me detenho à alguns exemplos práticos para auxiliar na discussão:

A primeira delas é a artista francesa Orlan²⁴, que utiliza seu corpo como suporte para construções e reconstruções físicas, através de cirurgias plásticas (Imagem 10). A artista registra o processo como parte integral da ação, destinando-se ao status do corpo, a que este foi elevado por décadas pelo homem, sobretudo o corpo da mulher, na sociedade e as pressões exercidas sobre ele.

Imagem 10 Orlan. *Sherif's Block Surgery. Performance. 1986*



Fonte 10 Disponível em: <<http://www.orlan.eu/portfolio/sherifs-block-surgery-performance/>>

²⁴ Disponível em: <<http://www.orlan.eu/>>

Outro exemplo que pode ser destacado, num momento em que muito se fala sobre o papel da arte e dos movimentos sociais na sociedade, é o artista brasileiro Marcelo D'Avilla, *performer* e bailarino, radicado em São Paulo, vem desde 2003 desempenhando ações que discutem as identidades, as diversas facetas da sexualidade e atualmente está com o espetáculo intitulado “DEMØNIOS” no Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP). O espetáculo Demônios (Imagem 11) vem aprofundar a discussão acerca das mazelas que oprimem e satanizam a comunidade LGBTQIA+²⁵.

Imagem 11 Marcelo D'Avilla, Marcelo Denny. “DEMØNIOS” *Performance/Dança*. 2018. SP



Fonte 11 Fotografia fornecida pelo artista ao pesquisador

O espetáculo reúne dança e *performance*, num híbrido contemporâneo. Produzido pelo grupo de Teatro da PombaGira e dirigido por Marcelo D'Avilla e Marcelo Denny, reúne três dos demônios contemporâneos que afetam ao homossexual. De caráter experimental e violento, veiculado ao desejo de revolta e rebeldia como resposta ao opressivo confinamento social. O espetáculo é dividido por três cores, que são representadas na ação, vermelho, branco e preto, Marcelo explica o sentido de cada uma

²⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli e mais. Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>>

O vermelho simboliza os processos histéricos de consumo e descarte, e nesta parte são abordados os aspectos de posse nos relacionamentos amorosos, a violência e a fetichização dos armamentos bélicos e, por sua vez, as guerras, a virtualidade e a frieza nas relações sociais e rotinas do sistema de trabalho e automatismos cotidianos. O bloco preto, mais melancólico e abissal, de apelo mental e subjetivo, trata de temas como depressão, suicídio, estigmatização, doenças e solidão. Por fim, o bloco branco retrata tempos de emergente conservadorismo e o neofascismo encruado na sociedade, simbolizando o perigo destas ideologias – antes ocultas, mas que hoje ganham voz.²⁶

Imagem 12 Arte dos três atos. “DEMØNIOS” Performance/Dança. 2018. SP



Fonte 12 USP Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2018/06/20180626_00_teatro_demonios_tusp2.jpg>

Em prol aos estigmas providos em relação a ideologia de gênero²⁷, em 2016 comecei a pensar de que forma poderíamos contribuir para desestigmatizar o peso que um corpo carrega ao possuir um sexo. Peso, que é carregado ao lhes atribuírem tarefas e atividades que condizem com o sexo anatômico de uma pessoa e classificando aqueles que utilizarem atributos diferentes do que se é aceito para um menino e para uma menina, como abjetos, sendo eles repudiados e postos à margem. Em contrapartida, as más percepções que o ser humano ressuscita ao ver uma pessoa utilizando peças de roupas diferentes de seu sexo.

O *happening* intitulado “Ilimitado” (Imagem 13) foi uma ação desempenhada por mim, propõe uma crítica social à essas ideologias que são constantemente praticadas e muitas vezes despercebidas. O próprio ser

²⁶ <http://www.usp.br/tusp/?portfolio=demonios>

²⁷ É a projeção de tudo aquilo o que a sociedade e a cultura esperam que seja típico do comportamento masculino e feminino. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ideologia-de-genero>>

humano, em um momento histórico, nomeou e classificou os objetos como masculino e feminino, impondo regras de como ser menino e como ser menina, marginalizando todos aqueles que se diferem de suas normas.

Imagem 13 Ilimitado²⁸. *Happening*. Julio Soares, 2016



Fonte 13 Acervo do Pesquisador

Na contemporaneidade, temos ativamente a presença do sujeito *crossdresser*, que é uma expressão de gênero que vem sendo bastante discutida na sociedade hoje. Os *crossdresser*, em sua maioria, são homens e heterossexuais, muitos possuem namoradas e/ou mulheres que os ajudam em suas produções.

A utilização desses acessórios não dita sua orientação sexual, inclusive sua identidade sexual. Como exemplo de *crossdresser*, podemos enfatizar que não vem acompanhado apenas pelo uso de roupas que se diferem de seu sexo anatômico. Ele pode vir através de acessórios, modificações corporais, como piercings e tatuagens, maquiagens e até mesmo os cortes de cabelo.

²⁸ A ação iniciava com o *performer* apenas com um vestido, Julio senta em frente ao espelho e se maquia, corta sua barba, finaliza maquiagem, troca o vestido por roupas ditas masculinizadas e se retirava.

4 EDUCAÇÃO, GÊNERO E A URGÊNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DA DIVERSIDADE NO CURRÍCULO

Para discorrer sobre o assunto, inicio este capítulo com o conceito de gênero, do qual nossa sociedade o percebe de forma contrária de seu contexto de um modo coerente. Para isso, precisamos compreender que a identidade de gênero remete ao gênero que a pessoa se identifica, é a experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma e das relações dessa pessoa com os outros gêneros. De acordo com os autores Marcelo, Goellner e Guimarães

Se estamos cientes de que o gênero é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe naturalmente. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa. Há algum tempo atrás, por exemplo, um homem que usasse cabelos compridos e brincos, provavelmente teria a sua masculinidade questionada, visto que essas marcas eram consideradas como femininas. Nos dias de hoje essa suspeição já não se aplica porque os brincos fazem parte dos adornos corporais de brasileiros e brasileiras, assim como o uso de cabelos compridos, curtos, coloridos, etc. (GOELLNER, GUIMARÃES, MACEDO, 2011, p. 20)

Dessa forma, pensar em gênero, é pensar na forma como alguém sente sua própria essência do “SER”. Não depende dos genitais e também não se limita a mulher e homem, tendo em vista que há inúmeros gêneros não binários²⁹. Cada pessoa sente seu gênero da sua própria maneira.

²⁹ Gêneros não-binários são todos aqueles que fogem dos padrões aceitos socialmente, como masculino e feminino.

Imagem 14 Gênero na escola



Fonte 14 Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jrWXb8JDfds>>

Em nossa sociedade defendem que o gênero é algo definido no seu nascimento. Ao realizar um ultrassom os pais descobrem que o bebê tem um falo, então é um menino, que deve ser criado como um menino, praticar atividades atribuídas ao gênero masculino, se portar como tal e sentir atração por meninas. Podemos levar isso como exemplo de heteronormatividade³⁰. Gênero designado, imposto que foi forçado a pessoa desde seu nascimento. Tal gênero é imposto pela medicina e pela família, baseando-se no sexo biológico. Se tiver vulva designam como menina, se tiver falo designam como menino, se nascer intersex³¹, designam e mutilam os genitais para “condizer” com o gênero imposto.

Para Butler³², as

imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses dois gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do

³⁰ sistema que normaliza a heterossexualidade e os comportamentos tradicionalmente ligados a ela, mostrando-os como única opção válida, tornando marginal qualquer forma de relação fora dos padrões/ideais heterossexuais. (Glossário da Diversidade, UFSC, 2017, p.13 Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf>)

³¹ termo utilizado para um grupo de variações congênitas, ou seja, pessoa que possui variação de caracteres sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que dificultam sua identificação como totalmente feminino ou masculino. Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos e aparência. (Glossário da Diversidade, UFSC, 2017, p.13 Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf>)

³² Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética.

desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 1990, p. 162)

Hoje na medicina em casos de nascimento de um indivíduo intersex, que pode ocorrer da criança possuir os dois órgãos ou a duplicação do mesmo, os pais são obrigados a optar pelo sexo que querem que a criança obtenha, ocorrendo então a mutilação de um dos órgãos. Então nos perguntamos: quais as chances dessa criança crescer não se identificando com as genitais escolhidas no seu nascimento pela família?

Há alguns anos os pais ainda tinham a opção de permanecer com a criança nessas condições, como um indivíduo intersex, permitindo com que essa criança cresça e opte pelo sexo desejado. Porém, o intersex apesar de um terceiro sexo ainda comum na sociedade, não entra nos documentos de um indivíduo. Não há essa opção! Por esse infeliz descaso, os pais são obrigados a determinar o sexo do seu filho.

Pensando nas questões abordadas no capítulo anterior, e esclarecido o contexto do termo identidade de gênero neste, gostaria agora de me reportar ao ambiente escolar e me dedicar algumas páginas a me debruçar sobre a legislação que regulamenta a questão política da diversidade.

Enquanto as instituições de ensino regular puderem selecionar os itens que julgarem mais importantes para construção de uma vivência pacífica, enquanto aqueles jovens estiverem sob cuidados dos envolvidos de todo o administrativo escolar, serão filtrados conteúdos importantes disponibilizados pela Base Nacional Comum Curricular e pela Proposta Curricular de Santa Catarina em seus respectivos Projetos Político Pedagógico.

Um dos termos que fica de fora do contexto explicitado, e que deveria ser discutido em sala de aula é a questão da “diversidade”. Termo que tem sido abordado nos documentos norteadores da educação, desde meados de 2012, e que substitui a palavra gênero. De sua significância podemos compreender que:

A diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Uma construção que ultrapassa as características biológicas observáveis a olho nu. Neste sentido, as diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação dos seres humanos ao meio social e no contexto das relações de poder. Dessa forma, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser

percebidos dessa maneira porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos. (GOMES, 2007, p. 17).

Dessa forma, nossa sociedade então se torna ameaçada ao associar gênero à sexualidade. Sociedade que está pautada em normas heteronormativas, que designam gênero imposto a partir do sexo biológico, identificado logo no seu nascimento. Estas normas binárias³³ pré-estabelecidas afetam não somente aos grupos “Trans”gênero³⁴ como aos próprios “Cis”gênero³⁵. Por binarismo, entende-se que é visto comumente como uma única visão de possibilidade de ser e estar no mundo, sendo do gênero masculino ou feminino.

Imagem 15 Binarismo



Fonte 15 Folha vitoria <<http://www.folhavitoria.com.br/entretenimento/blogs/sexo-e-prazer/2016/05/10/o-que-e-cisgenero/>>

Cada indivíduo é carregado de sentimentos, sensações, de modo que cada qual se relaciona diretamente na sua personalidade e suas particularidades

³³ Representado por dois lados opostos, masculino e feminino, mulher e homem, menino e menina.

³⁴ Termo representa “do outro lado” - pessoas que não se identificam com o gênero imposto no seu nascimento. Existem outras variações de palavras que podem ser abrigadas no conceito de transgênero. Como exemplo: *genderqueer*, bigênero, pangênero, *crossdresser*, *drag queen*, *intersex*, etc. (Orientando. Disponível em: <<https://orientando.org/wp-content/uploads/2017/05/Panfleto-de-g%C3%AAnero-2.pdf>>)

³⁵ Termo representa “do mesmo lado” - pessoas que se identificam estritamente em todos os aspectos do gênero atribuído em seu nascimento.

individuais. Negar a diferença é negar a diversidade, é se abnegar, negar a participação do outro na sociedade, que este tenha papel fundamental como cidadã/o e sujeito atuante na comunidade.

Nossa semelhança enquanto indivíduos vem com o corpo, mas que corpo é esse? Esse corpo, característico do ser humano vem sendo taxado há décadas como um objeto sexuado³⁶, repleto de tabus e pudores, sexualizados³⁷ por contribuição midiática da globalização que ao decorrer dos tempos foi se alastrando com muito mais rapidez, com mais facilidade de acesso e comercialização. Onde nossos semelhantes, nossa cultura e outros, aprenderam a cumprir o papel de voyeur e perceber o corpo como sinônimo de blasfêmia³⁸.

Essa maneira de olhar para o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco inter-relacionamento entre natureza e cultura. Em outras palavras: o corpo resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, geracionais, entre outros. (GOELLNER, GUIMARÃES, MACEDO, 2011, p. 15)

Nenhum corpo é igual, assim como nenhum indivíduo Cisgênero é completamente igual, unificado, como é tão almejado por alguns, excluindo as diferenças. Nossas peculiaridades indicam que podem existir uma identidade de gênero e até mesmo uma sexualidade para cada indivíduo que determina a forma pela qual eles experienciam suas vivências e vivem o prazer. Pois há tantas identidades quanto há indivíduos. Diante dos contextos que essa pessoa perpassa em sua vida, os sujeitos que venha obter contato, podem influir diretamente na construção de uma identidade mantida pela reiteração de um conjunto de normas reinterpretadas, apropriadas e construídas por nós formando gradativamente essa identidade.

³⁶ Que tem sexo, quando se precisam de dois indivíduos para se reproduzir.

³⁷ Dar ou adquirir aspecto, conteúdo ou conotação sexual.

³⁸ Palavra que insulta a divindade, a religião ou que é considerado sagrado.

Imagem 16 Bandeira Gênero Fluído



Rosa	Feminilidade
Branco	Ausência de gênero
Roxo	Combinação de masculinidade e feminilidade
Preto	Todos os gêneros
Azul	Masculinidade

Fonte 16 Orientando.org. Disponível em:
<<https://orientando.org/>>

Acredito na potência maior de identidades fluídas, não cristalizadas, encerradas, estabilizadas, mas na constante modificação, mudanças e transformações da própria pessoa em sentir o seu gênero. A cristalização de um gênero, tornar-se incapaz de evoluir, de se transformar, ficando imobilizados e estagnados.

Uma identidade não binária, não se resume a cristalização de um gênero, pois todos os indivíduos desde seu nascimento, estão sempre em constantes mudanças e transformações, capacitando sua identidade de gênero se reinventar e se apropriar de novas formas e costumes que não se cristalizam em um tempo-espço, podendo mudar de tempos em tempos ou gradativamente, de acordo com os contextos experienciados por este sujeito.

O gênero não pode significar um regime estável no tempo, uma mesma paródia que se faz igualmente a todo tempo e em todo lugar. Se há algo de coerente na afirmação de Simone de Beauvoir³⁹, que já afirmou que você não nasce mulher, mas torna-se mulher, Butler (1990) argumenta, que ao se tornar mulher, o termo mulher significa que sempre está em processo, mudando, reformulando-se, mas nunca encerrado ou estabilizado. Aparentemente cristalizado, sustenta Butler (1990, p.59), a cristalização do gênero é “uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais”.

³⁹ Simone de Beauvoir foi uma escritora, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Embora não se considerasse uma filósofa, Beauvoir teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista.

Imagem 17 Gênero Fluído ou Genderqueer



Fonte 17 Gênero sem Questão <<https://generosemquestao.wordpress.com/2014/06/08/genero-fluido/>>

Existem muitos termos que representam gêneros que mudam de forma específica, a página Orientando.org tem como missão, ensinar sobre diferentes identidades e sobre as questões que cercam determinadas identidades, com auxílio da mesma e do glossário da diversidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) vou me apropriando e contextualizando determinadas identidades para fins contextuais. Entre eles temos o gênero fluído, pessoas que mudam seu gênero de tempos em tempos. Como exemplo de mudanças específicas, o site Orientando um espaço de aprendizagem diz que:

uma pessoa gênero-fluxo também muda de gênero de tempos em tempos, porém a mudança é na intensidade do gênero, sem mudar certo “gênero base”. Uma pessoa horogênero possui um certo núcleo imutável, enquanto outras partes do gênero são fluidas. Uma pessoa magifluida muda seu gênero entre magigêneros.⁴⁰

⁴⁰ Orientando.Org. Disponível em: < Orientando. Disponível em: <<https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genero-fluido/>>

Estas identidades podem se rotular de gêneros fluídos e até mesmo *genderqueer*. Algumas pessoas preferem se apresentar com rótulos menos específicos para não precisarem explicar cada vez que questionarem o que significa determinada identidade.

No campo da psicologia se fala sobre múltiplas identidades como uma disforia de gênero, ou seja, transtorno de identidade caracterizado pelo desconforto persistente pelo sexo de nascimento. A página Manual MSD para profissionais da saúde fala sobre disforia de forma na qual:

A própria incongruência de gênero não é considerada um transtorno. Mas, quando a incongruência percebida entre sexo no nascimento e identidade de gênero sentida causa sofrimento ou incapacidade significativa, um diagnóstico de disforia de gênero pode ser apropriado. A dor normalmente é uma combinação de ansiedade, depressão e irritabilidade. Pessoas com disforia de gênero grave muitas vezes são chamadas transexuais, podem apresentar sintomas graves, perturbadores e de longa duração e têm forte desejo de mudar o corpo por meio médico e/ou cirúrgico para que seus corpos se alinhem mais estreitamente com sua identidade de gênero. Mas rotular tal condição como “disforia de gênero” pode aumentar o sofrimento; os pacientes devem ser tranquilizados que o termo não é empregado como forma de julgamento.⁴¹

Na imagem acima (Imagem 17), foi apresentado uma pessoa cujo gênero é fluído, de forma que não há necessidade de levantar as expressões ele/ela em tempos em que essa divisão se torna cada vez mais volátil. Este sujeito não identificado, relata na página Gênero sem Questão que: “Às vezes, sinto disforia de corpo..., mas sei que *genderqueer*⁴² é um termo mais apropriado para mim. É normal sentir-se bem em estar entre gêneros?”⁴³

A teoria *Queer*⁴⁴ não defende uma sexualidade exata, mas sim o amor por pessoas e identidades que venham a se identificar, independentemente de seu gênero ou sexualidade. O indivíduo se adapta a diversos gêneros assim

⁴¹ Manual MSD. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psi%C3%A1tricos/sexualidade,-disforia-de-g%C3%AAnero-e-parafilias/disforia-de-g%C3%AAnero-e-transexualismo>>. Acesso em: 24 out 2018.

⁴² Termo bastante abrangente, geralmente utilizado por pessoas que não se dizem cisgênero, mas também é possível que pessoas cis utilizem o rótulo. Tais indivíduos não são nem 100% homens e nem 100% mulheres, agem radicalmente contra as normas de gênero, por exemplo: pela maneira de se vestir. (Orientando. Disponível em: <<https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genderqueer/>>)

⁴³ Gênero sem Questão. Disponível em: <<https://generosemquestao.wordpress.com/2014/06/08/genero-fluido/>>

⁴⁴ Forma mais branda de se falar *genderqueer*, ou seja, *genderqueer* e *queer* possuem a mesma identidade.

como sexualidades, mudando constantemente sua forma de sentir sua essência como parte constitutiva de sua identidade.

a política *queer* (...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a 'norma' daquilo que é 'normal', seja heterossexual ou homossexual. *Queer* não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la (GAMSON, 1995, p. 395 apud COLLING, 2011, p. 2).

Percebo a forma de sentir o gênero diferente de afirmá-lo. A partir do momento em que você afirma para alguém o seu gênero, você passa a deixar de possuí-lo, pois ele está além de afirmações e em algumas pessoas, podem mudar mais rápido que suas próprias palavras. Um exemplo disso pode ser nosso humor, o gosto pelas coisas, nossos pensamentos, etc.

Essas sensações mudam a todo instante. Por que seria diferente com o gênero? O gênero fluído, do qual acredito ativamente na sua potência sobre os outros gêneros, é que suas mudanças podem ser, graduais ou súbitas, constantes ou inconstantes, diárias, semanais, mensais, anuais, bianuais, de tempos em tempos, em intervalos de tempos aleatórios para pessoas cujo gênero mudam de forma específica. Podem ser influenciadas, pelo ciclo hormonal, clima, crises, contato direto com as pessoas e contextos diversos. Como abordado anteriormente na questão da performatividade, podemos dizer que as expressões de gêneros são atos performativos, assim como a própria *performance* do gênero. **Para Butler, o gênero é uma *performance*.**

De modo que a performatividade não é um 'ato' singular, porque sempre é a reiteração de uma norma ou um conjunto de normas e, na medida em que adquire a condição de ato no presente, oculta ou dissimula as convenções de que é uma repetição. (BUTLER, 1990, p.34)

Em uma sociedade que reforça o binarismo, ditando regras de como ser menino e como ser menina, tornam-se inteligíveis como forma de cristalização do gênero designado/imposto, onde não funcionam mais em tempos em que isso torna-se cada vez mais volúveis.

Tanto na Base Nacional Comum Curricular, quanto na Proposta Curricular de Santa Catarina, existe um capítulo importantíssimo para formação de sujeito. Penso que este pequeno capítulo deveria possuir mais fôlego para

uma reflexão mais profunda. A proposta do Estado de Santa Catarina nos disponibiliza apenas 19 páginas como subcapítulo do item Educação Básica e Formação Integral, se comparadas com disciplinas como Português que ocupam 69 páginas do documento, enquanto o ensino das Artes ocupa apenas 22 páginas. O documento encontra-se disponível para nortear o currículo da educação e dar ênfase sobre a importância de quais as discussões devem ser mediadas acerca da diversidade que se encontra presente no âmbito escolar.

Ao abordar o tema diversidade não se pode restringi-lo aos grupos considerados excluídos, caracterizados como “os diferentes”, “os diversos”, ou seja, como aqueles que não atendem à norma ou ao padrão estabelecido a partir de uma identidade hegemônica como referência. A diferença está em todos nós! Somos pessoas únicas e em constante transformação num ambiente, também, em constantes transformações. (SANTA CATARINA, 2014, p. 54-55)

Penso que, nossa sociedade será passível de boas e perceptíveis mudanças somente quando a Base determinar por lei, a obrigação de tais mediações acerca de toda a diversidade sem opção de filtração de conteúdos por parte de tal assunto tão relevante aos tempos atuais. Quando falamos nessa diversidade, também estamos incluídos nela, pois somos seres humanos diversos, passíveis de mudança a todo instante. Com semelhanças, porém características distintas, sejam pela nacionalidade, credo religioso, orientação sexual, identidade de gênero, identidade romântica, etnia, cor, classe social, etc.

De acordo com algumas experiências obtidas em algumas instituições de ensino do município de Criciúma/SC, seja como discente ou como visitante para realização de coleta de dados, percebo a imprescindibilidade da Proposta enquanto um documento norteador. Porém, por outro lado, percebo que o que está na teoria, ou seja, na legislação, é longe do que encontramos na prática em sala de aula. Levando em conta os inúmeros casos de alunos que relatam ocasiões nas quais sofreram violência, através de agressões físicas, verbais e até mesmo virtuais, geralmente pela questão de evidenciar a sua orientação sexual.

Esse embate, como qualquer outro embate cultural, é complexo exatamente porque está em contínua transformação. No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários

(masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver (LOURO, 2008, p. 21).

Imagem 18 Movimento contra o machismo



Fonte 18 Carta Capital <(https://www.cartacapital.com.br/sociedade/vamos-falar-sobre-genero)>

Discriminados por seus trejeitos, formas que falam, se portam, se vestem, e que se expressam socialmente, são constantemente atacados por terceiros que não compreendem e muito menos aceitam a diversidade cultural. Muitos acabam sofrendo depressão e outros tentam o suicídio. Segundo uma das professoras de uma das instituições visitadas, essas atitudes são consequência direta da falta de apoio e mediação que a família e a escola deveriam oferecer a esse indivíduo, enquanto um sujeito que está passando por transformações sem compreender o que está acontecendo com ele. Muitas vezes, estes sujeitos se veem como anormais, com pensamentos de que tudo poderia ser diferente caso se enquadrassem nas normas pré-estabelecidas pela sociedade de como ser um homem e como ser uma mulher. Todos aqueles que saem das normas são excluídos socialmente e vistos como abjetos, estão sempre a margem.

Mesmo reconhecendo a importância das discussões de gênero e da sexualidade, a instituição escolar ainda mascara muito a realidade desses

alunos, sustentando uma imagem de fomentadora à alteridade. Uma das questões que leva a instituição a negligenciar parte deste problema, é o receio de que haja uma evasão de alunos e protestos e críticas por parte dos pais mais conservadores que não acreditam que tais mediações sejam importantes para uma mudança de consciência para um aprimoramento dos modos de pensar e agir.

Para tanto, a escola deve ser um ambiente de formação para indivíduos sociáveis, racionais, críticos, sensíveis e humanos, o que acaba muitas vezes não ocorrendo quando se dá mais valor para disciplinas como Português e Matemática. Estas escolhas por preferências a algumas disciplinas em relações às outras, tem como único eixo de pensamento o futuro campo de trabalho e negam a importância de integrar os conceitos plurais na educação e cultura ampliados em disciplinas como Sociologia, Filosofia e Artes. Ainda como princípio formativo, a proposta diz que a:

Diversidade também é heterogeneidade, com vistas ao reconhecimento de que todos somos diferentes. A diversidade está relacionada com as aspirações dos grupos humanos e das pessoas de viver em liberdade e no exercício de sua autodeterminação, como também à aspiração da vida em democracia e à necessidade de vivenciar coletivamente as realidades sociais que são múltiplas e de lutar pelo reconhecimento dos direitos humanos e a respeitá-los. Portanto, a valorização das diferenças étnicas e culturais, por exemplo, não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-lo como expressão da diversidade de todo ser humano, sem qualquer discriminação (SANTA CATARINA, 2014, p. 54).

Um ponto importantíssimo a ser destacado, fica por conta da falta de formação para professores em relação aos temas da diversidade. Por vezes, estes professores não abordam tais assuntos por se sentirem despreparados a prosseguir com as discussões que se desenrolarão após a exposição do mesmo.

A parcela de sujeitos com culturas plurais inseridos no contexto escolar, deixa o professor sem um ponto de partida claro da maneira como vai expor a questão. A situação se complica se pensarmos que muitas vezes o professor estará atuando em um espaço onde estão com trinta ou mais estudantes em uma mesma classe, não sabendo como se posicionar diante de situações que tragam desconforto para os presentes. Com falta de argumentos e horas voltando a destacar os estereótipos em suas práticas.

A questão dos estereótipos, ainda é bem frequente, sem generalizações, porém fácil de ser percebida através de muitos profissionais da educação, para isso é necessário ser repensado para construção de sujeitos sem preconceito e estereotipados. Qual a necessidade de rotular brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas em tempos que as particularidades estão cada vez mais evidentes? Não dá mais para discutir algo generalizando, se cada caso é um caso. Precisamos antes de qualquer afirmação avaliar a situação individual de cada um, pra depois partir para a prática em si, pois tudo depende.

Como professor de Artes, possuo muito receio em relação aos estereótipos. Um dos casos que mais me marcaram durante minha formação é a relação estereotipada dos desenhos, onde meninos deveriam colorir meninos e meninas deveriam colorir meninas.

Em um de meus estágios na escola, voltei a me deparar com tal situação. Me indaguei repetidamente sobre a necessidade em realizar tal proposta com os alunos. Quais os objetivos em evidenciar para as crianças práticas que intencionam e fixam papéis sociais? Por que não diversificar os sexos ou atribuir desenhos para colorir com ambas identidades? Por que ainda colorir?

Explicitar na primeira infância que meninos devem fazer coisas de meninos e meninas coisas de meninas? Durante as brincadeiras as crianças também são direcionadas a realizarem atividades compatíveis com seu gênero, como por exemplo: durante as atividades recreativas, onde meninos jogam bola e meninas brincam com bambolês e/ou bonecas. Mas, na hora de mediar assuntos para quebrar esses estereótipos e certos rótulos ainda presentes na sala de aula, em vários casos, a instituição se exime. Por vezes ou outras, interrompendo sua aula para explicitar a importância do respeito com o outro em casos reportados sobre algum tipo de preconceito e/ou discriminação.

O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações em um determinado contexto histórico-social. A BNCC afirma que:

[...] o sujeito se constitui enquanto ser de imanência (dimensão concreta, biológica) e de transcendência (dimensão subjetiva, simbólica). [...] A percepção das diferenças (alteridades) possibilita a distinção entre o “eu” e o “outro”, “nós” e “eles”, cujas relações dialógicas são mediadas por referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores) necessários à construção das identidades. (BRASIL, 2017, p. 436).

Entretanto, falar que devemos respeitar os outros é suficiente para acabar com os rótulos e estereótipos ainda presentes nesse contexto? Acredito que para que haja respeito e argumentos plausíveis entre os indivíduos situados no âmbito institucional, a formação em direitos humanos para professores é de grande urgência. Esta formação facilitaria ao educador a inserção do tema para que a devida mediação ocorresse com fundamentação para que os alunos percebam a importância da diferença na sociedade e da pluralidade cultural presente nos demais espaços, de forma que o respeito se dê para além do espaço escolar.

A escassez de formação em direitos humanos leva o docente à sala de aula, na maioria dos casos, sem argumentos suficientes para mediar algumas situações. A legislação vigente está formando cidadãos/os com pensamentos enraizados e preconceituosos ao distinguir o que cada indivíduo deveria realizar baseando-se em seu sexo anatômico. Genitálias são genitálias! Elas não definem e/ou interferem a pessoa que você é, muito menos as coisas pelas quais possui vontade de fazer.

O gênero surge a partir da experiência de vivência com outros sujeitos, outros contextos, esse contato com o outro flui diretamente para construção e identificação dessa identidade. Há possibilidade de se pensar o gênero, em âmbito social sem atrelá-lo diretamente à questão da sexualidade, como se fosse um assunto somente. Mas, temos que reforçar que são coisas distintas. O gênero passa pela sexualidade, mas não influi diretamente na construção da identidade de gênero, não havendo interferência.

Eis a necessidade de dar um contexto a sexualidade, que é bastante impregnada ao gênero. No nascimento de uma criança, este indivíduo por sua vez, não nasce um sujeito sexualizado, ele se torna sexualizado, ou seja, ele é uma tábula rasa que ao passar do tempo vai se modificando ao obter contato com outros sujeitos. Voltando às reflexões da pesquisadora Guacira Lopes Louro:

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da

sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente. (LOURO, 2008, p.18)

Portanto, é um termo bastante abrangente, que dificilmente se encaixaria em apenas uma única definição. A sexualidade começa a se desenvolver na infância, seguindo a teoria Freudiana nos seguintes seguimentos: oral, anal, fálica, latência e genital⁴⁵, sendo desenvolvida completamente na adolescência.

Sexualidade também é diferente de identidade sexual/orientação sexual, pois ela não tem relação com a atração por quem essa pessoa pode se sentir atraída, o contexto experienciado influi diretamente na sexualidade de cada um. Sexualidade necessariamente não vem acompanhada da atração, ela pode vir por exemplo através do gosto pelo próprio corpo, não que isso venha a ser uma relação narcisista de amor incondicional pelo ego, uma vez que define a busca pelo prazer, não apenas os explicitamente sexuais.

Há indícios de que possa haver uma sexualidade exclusiva para cada indivíduo que determina o modo na qual elas vivem o prazer, mas há tantas sexualidades quanto há indivíduos, sendo ela construída de acordo com suas experiências, conhecimentos e contextos onde esses sujeitos vão se construindo, cada um com suas peculiaridades que são também determinadas pela sua personalidade.

Nem sempre a identidade sexual bate com a identidade romântica de uma pessoa, isto é, uma pessoa pode sentir atração por um sexo e não se sentir romanticamente atraído por nenhuma identidade. As identidades sexuais são inúmeras, contam com diversas sexualidades, sendo que cada indivíduo pode ter sua sexualidade respeitando a singularidade de cada um, que variam das mais diversas peculiaridades individuais dos sujeitos sexuais.

Essas orientações sexuais ou atrações sexuais dizem respeito por quais identidades tais pessoas podem se sentir atraídas sexualmente. As identidades sexuais podem ser monossexuais, não-monossexuais, binárias e não-binárias.

As monossexuais são aquelas identidades que sentem atração por um único gênero; as não-monossexuais vem seguida pela atração por mais de um ou até diversos gêneros; binários por sua vez, são os gêneros impostos

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>.

socialmente, divididos entre o feminino e o masculino; por fim os não-binários são todos aqueles que se diferem dos binários, que vão além das identidades femininos e masculinos.

Após embasar outros conceitos importantes para o entendimento da pluralidade a respeito da diversidade, volto a me reportar no ambiente escolar. Em algumas pesquisas realizadas por mim em instituições de ensino básico, fundamental, médio e profissionalizante, identifico a falta de conteúdos relacionados a diversidade em seus Projetos Político Pedagógico.

Sempre questionados de como eram estruturados os projetos na escola, há uma clara divisão entre aqueles que não atualizavam seus projetos todos os anos, permanecendo então estagnados. Outros realizavam anualmente com participação coletiva dos pais. Muito interessante a participação dos pais em relação a educação de seus filhos na construção de um currículo adequado para instituição, mas assuntos como a pluralidade cultural devem estar sempre acima de quaisquer escolhas pessoais, para equidade social.

O primeiro passo para que haja respeito com o outro, livre de rótulos, preconceitos, discriminações e mais pacífica se inicia com tais mediações em sala de aula a começar pela infância. Período para trabalhar o cognitivo, a criticidade, instigando o aluno a questionar. O que acabamos percebendo diversas vezes é a falta de oportunidades atribuídas a esses alunos nas aulas.

Recordo-me de certa vez, na sala dos professores, a ocasião em que duas colegas docentes conversavam, sobre a participação ativa dos alunos em sala. Uma delas se indaga sobre como querem que os alunos participem, questionem, apresentem estímulos para aprender, se no momento em que o aluno pergunta, o professor está mandando-o a ficar de boca fechada. Esclareço que são casos e casos e não pretendo generalizar, porém, esta professora levanta algumas reflexões do papel que alguns professores cumprem na sala de aula ao querer ouvir dos alunos e muitas vezes não os atribuindo as devidas oportunidades.

Isso me fez recordar durante minha trajetória na escola, permitindo-me relacionar experiências passadas que se relacionavam muito com as discussões daquele momento. O estímulo e as oportunidades para questionamentos são importantíssimos para formação humana, para que esse sujeito se torne questionador de tudo, sem desbastar as dúvidas obtidas por este indivíduo, que

caso aconteça estará formando alguém que pode vir a ser inibido suficiente para levantar perguntas.

A escola possui papel fundamental de aprendizagem não somente para com o aluno, mas o professor também está ali constantemente experienciando junto com os alunos, isso significa, um ambiente onde devem acontecer as constantes trocas de ideias e argumentos. O professor tem o papel de mediar as informações e conhecimentos e não se portar como um ser superior capaz de saber tudo, onde tudo o que é indagado torna-se inquestionável. Há pontos de vista divergentes e cada qual exerce seu aprendizado a seu modo em seu tempo.

4.1 Análise de dados

Como parte fundamental do projeto, propus visitas em diversas escolas do município de Criciúma. O principal intuito era investigar o PPP dessas instituições, perceber o que se aborda sobre a diversidade, se a mesma está inserida no projeto e de como vem sendo trabalhado tais questões importantes para o reconhecimento da plurificação de identidades.

Como componente integrante da apresentação na instituição, desenvolvi uma carta de apresentação na qual tornasse mais claro meus objetivos com as propostas das quais pretendia executar em cada escola, no intuito de promover rodas de conversa relacionados a gênero e sexualidade. Realizei a coleta de dados em oito escolas localizadas em Criciúma/SC, sendo delas, três escolas públicas e cinco privadas. Das públicas, duas eram municipais e a terceira estadual.

Ao chegar em cada uma dessas escolas, o esperado acontece. Obtive a oportunidade de visualizar e discutir os projetos da instituição com seus respectivos diretores, coordenadores e auxiliares pedagógicos. Como já imaginava, a diversidade não está presente nesses projetos. Em nenhum dos oito projetos discutidos foi percebido a presença da diversidade integrando seu currículo. O que nos faz pensar que o respeito à diferença, ao outro e a si próprio não ocupam o item de valor fundamental aos modos de se ver o mundo. Quando se dá maior atenção para disciplinas das quais não irão exercitar o pensamento crítico, preparando o aluno para o mercado de trabalho, para que sejam trabalhadores submissos, não questionadores e reféns de uma sociedade que julga capaz de dizer o que é mais apropriado para o outro.

Questões importantíssimas para se compreender a plurificação de identidades que se manifestam nos espaços sociais, são descartados dos ambientes escolares por receio de influenciar os demais à aversão. Esse foi um ponto do qual só de ouvir dos representantes dessas instituições me causou grande desconforto ao entender as situações vivenciadas por nossa sociedade hoje.

Diante daquelas palavras, fiquei pensando em diversos debates promovidos por educadores, em que a “influência” não cabe nos argumentos, é como se o educador promovesse uma discussão sobre queda ao precipício e

todos aqueles que estiverem ali presentes se sentiriam influenciados o bastante para realizar tal feito por estímulos de uma conversa dentro da sala de aula.

Quando questionados o que os representantes pensavam sobre a inclusão da diversidade no currículo escolar, todos apresentaram argumentos não convincentes de que deveriam estar presentes, mas há muita coisa em jogo e que não poderiam simplesmente incluí-los sem o parecer dos responsáveis pelos discentes.

Na tentativa de promoção das rodas de conversa, fiquei bastante sobressaltado pelas seis escolas que não permitiram os debates, sempre pelo mesmo motivo. Medo dos pais, de suas movimentações que possam vir a calhar, sempre tentando proteger a boa imagem da instituição, como se por lei a base e a proposta já não enfatizassem tais mediações, explicitando sempre a importância do mesmo.

Já em outras duas escolas, a primeira delas possui ensino médio e profissionalizante, como público alvo o ensino médio, rapidamente fui vetado a abrir espaço para determinadas discussões pelo motivo citado anteriormente. Acabaram por me abrir uma exceção um tempo depois de longas conversas apenas com o ensino profissionalizante, pelo seguinte motivo - todos os frequentes são adultos, um público mais velho. Mesmo assim, houve um, porém. Toda a mediação seria supervisionada pela psicóloga da escola e/ou professor de Sociologia. Sem delongas, aceitei. Não estava em uma posição de escolhas.

A mesma instituição que me permitiu levar o debate para a sala de aula, rompe com sua palavra ao dia programado para realizar as rodas de conversa. Ao chegar na instituição, sou informado de que houve um erro na programação e que não poderíamos mais realizar a discussão naquele dia e que precisaríamos reagendar novamente. Minhas ligações e mensagens foram ignoradas e quando retornei à instituição para obter um parecer final, sou evitado pela assistente pedagógica, que me informa que não poderíamos fazer nada sem o aval final da direção. Porém, reforço que já tínhamos esse aval, já no primeiro encaminhamento a escola, ocasião em que tive a oportunidade de conversar diretamente com a diretora, onde ela aceitou receber as ações formativas propostas. Porém, nada se efetivou.

A segunda instituição da qual seriam realizados os debates propostos mediante carta de apresentação, foi um colégio estadual situado também no

município de Criciúma/SC. No dia programado para serem realizadas as conversas, chego na escola e me deparo com uma situação diferente daquela acertada.

Minha proposta era de que pudéssemos pegar uma turma de ensino médio para realizarmos trocas de ideias, onde eu gostaria de ouvi-los mais que lhes atribuir informações, porém estaria sempre à disposição para tornar o mais claro possível suas dúvidas e indagações. A direção não liberou esses alunos para as rodas de conversa, me direcionando para um grupo sobre diversidade que há na escola, e que não havia sido informado quando me apresentei com tais propostas.

É muito interessante que a escola tenha como parte constituinte da instituição um grupo sobre diversidade, mas este não era o público com o qual gostaria de investigar. Lá todos pareciam saber do que estavam falando, conversamos por pouco tempo, mas ainda assim não me senti satisfeito.

Gostaria mesmo de poder investigar o que os jovens e adolescentes pensam e conhecem sobre o tema, informações que possam ter adquirido como autodidatas dos quais não receberam as devidas instruções ao longo de seu percurso estudantil.

Durante nossa troca de ideias junto ao grupo, me chamou bastante atenção o fato de que a única mediação que há na instituição a respeito do grupo dos “diversos” se encontra lá, naquele espaço de encontro. Os mesmos integrantes me informaram que durante as aulas não são discutidos tais assuntos.

Encontro uma nova oportunidade, durante o evento “Arte por toda parte”, realizado como critério do estágio IV de minhas colegas. Para esse evento, fui convidado a realizar duas oficinas, *Lambe-Lambe* e *Performance*. Aproveitando o ensejo, tomo a oportunidade de realizar tais mediações acerca de gênero e sexualidade.

O evento tinha como parceria a Casa da Cultura de Sombrio/SC. Vinculado a semana do dia das crianças, o evento promovia rodas de conversas, oficinas e apresentações artísticas. Mais uma vez, fui vetado a realizar tal discussão, os dirigentes da Casa da Cultura solicitaram às organizadoras que retirassem de sua programação os debates, por antecederem a semana das

crianças e acharem não ser conveniente para determinado momento. Se este não é o melhor momento, quando será?

Diante de todos os impedimentos enfrentados e a escassez dessas abordagens, nós, professores, precisamos encontrar momentos oportunos em nossas aulas para poder abrir essas discussões. Somente dessa forma estaremos abrindo o leque de possibilidades e entendimentos verossímeis aos alunos, para que esses possam repassar seus conhecimentos acerca dos assuntos, para que se reduzam os níveis de preconceitos alarmantes e a discriminação atribuída aos oprimidos.

Na escola que sou colaborador, descobro há pouco tempo que existe uma videoteca, da qual fica escondida dentro da sala de Educação Física. Lá, contém diversos DVDs lacrados que são encaminhados pelo MEC, os documentários, são destinados a diversas áreas do conhecimento.

Para a disciplina de Artes, há uma vasta coleção de história da arte, gravura, cerâmica, desenho, entre outros. Para diversidade, temos alguns volumes que abordam a pluralidade cultural, situados em povos indígenas, quilombolas, entre outros.

Se levarmos em conta esses materiais, tem-se a impressão de que a pluralidade cultural só é composta por esse eixo cultural. Não estou deslegitimando a causa indígena e quilombola, longe disso. Eles próprios estão contidos neste material esquecido na Biblioteca e são lembrados apenas em sua data comemorativa – 19 de abril e 23 de novembro. A história oficial não cansa de invisibilizar-los, assim como faz com a diversidade de modo geral.

Encontro por fim, um documentário a respeito da orientação sexual, logo o retiro para poder analisar quais tipos de conteúdo são abordados para fins de colaborarem com as apresentações do professor.

Imagem 19 DVDS disponibilizados pelo MEC



Fonte 19 Acervo do pesquisador

Analisando o conteúdo posto em destaque em tal documentário, é perceptível como de nome, existe apenas para chamar atenção. Já que conceitos e boas apresentações relacionados ao título, são inexistentes. O conteúdo abordado, explicita a gravidez precoce em meninas de doze a quatorze anos de idade, geralmente de famílias pobres em situações precárias, muitas vezes com seus namorados e/ou maridos desempregados, tentando conseguir algum dinheiro para se manter. Segundo Louro

Aqui, uma forma de sexualidade é generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos. A heterossexualidade é concebida como "natural" e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos

tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento. (LOURO, et al, 2000, p. 10)

De acordo com este ângulo, a partir de uma visão heteronormativa, podemos mesmo dizer que esse é um bom conteúdo para ser tratado a respeito da orientação sexual?

Ao assistir fiquei bastante insatisfeito com o que acabara de presenciar, senti-me enganado pelo seu título. Imaginei a reação das crianças das quais aqueles conteúdos são destinados, a respeito desses assuntos. Não sei em quais mediações esse material é utilizado para ampliar as discussões, mas se falarmos de orientação sexual, esse material certamente não cabe no que há para ser dito e se restringindo apenas a assuntos relativos ao contexto heterossexual. Acredito que existam formas menos ríspidas de se falar acerca dos assuntos. Não há necessidade de assustar as crianças, a ponto de terem medo de desenvolverem sua sexualidade porque suas vidas se tornariam piores diante dos modelos apresentados no vídeo.

Contudo, podemos perceber que são encaminhados materiais didáticos para as escolas poderem trabalhar com os alunos diversas temáticas, desde mais específicas de diversas disciplinas até conteúdos mais amplos como as pluralidades culturais. Possuem um bom acervo de livros na biblioteca, com alguns livros a respeito das temáticas. Pelos vídeos, percebo que são antigos e bastante desatualizados.

A educação está passando por um momento de retrocesso. De modo que presenciamos a implementação do projeto “Escola sem partido”⁴⁶ em alguns estados brasileiros, possibilidade de retirada das disciplinas de Artes, Filosofia,

⁴⁶ O Programa Escola sem Partido é uma proposta de lei que torna obrigatória a afixação em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio de um cartaz com os deveres do professor. Max Weber diz que: Em uma sala de aula, a palavra é do professor, e os estudantes estão condenados ao silêncio. Impõem as circunstâncias que os alunos sejam obrigados a seguir os cursos de um professor, tendo em vista a futura carreira; e que ninguém dos presentes a uma sala de aula possa criticar o mestre. É imperdoável a um professor valer-se dessa situação para buscar inculcar em seus discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica. Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: 01 nov. 2018

Sociologia e Educação Física dos currículos como disciplinas obrigatórias. Vedado todo e qualquer tipo de mediação acerca das temáticas de gênero, sexualidade e orientação sexual.

Os sujeitos muitas vezes saem das escolas com diversos pensamentos enraizados, incapazes de aceitar algumas diferenças por conta da ideologia que é pregada constantemente durante sua vida, sua formação enquanto sujeito. E a falta de diálogo na escola permite com que esse indivíduo continue absorvendo passivamente tudo o que lhe é transmitido lá fora do contexto escolar.

A escola se exime até que algo aconteça de relevante dentro da instituição, levanta algumas reflexões, mas que não são suficientes para jovens que vivem outros contextos fora da escola, onde o que ouvem falar sobre a diversidade é satanizado, aprendendo a ver o outro como diferente e ensinados a pregar uma ideologia da qual eles próprios não se percebem como alguém que está discriminando, de tão normal que se tornou a disseminação da diferença, contribuindo para as desigualdades sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a presença da diversidade no currículo institucional das escolas da região de Criciúma/SC, e perceber o que os jovens adolescentes entendem a partir de sua própria concepção sobre as temáticas de gênero e sexualidade. A fim de poder trabalhar juntamente com eles essas concepções, que se fazem de grande urgência em nossa sociedade hoje.

Percebi que entre alguns jovens, a internet tornou o acesso mais fácil e rápido para obter perguntas e respostas, uns tinham um bom entendimento de saber conciliar as diferenças entre gênero e sexo, mas não a problemática de se utilizar a palavra ideologia impregnada juntamente a esse gênero. Por outro lado, outros jovens confundem gênero e sexo, identidade e ideologia. Este fator torna a mediação desses assuntos ainda mais importante para que se saiba conciliar essas diferenças, mesmo que a utilização de tal palavra “ideologia”⁴⁷ não venha a ser empregada como forma de julgamento e uma única visão de possibilidade de ser e estar no mundo.

Esta pesquisa, não se dirigiu rumo a obter todas as respostas, mas poder contribuir para que se pense em maneiras de se capacitar e/ou formar de forma continuada professores de todas as redes de ensino, para que estes venham a estar mais preparados para mediar alguns conceitos que possam surgir na sala de aula.

A preparação de um professor sobre direitos humanos em geral, não somente ao gênero e sexualidade é imprescindível para que haja bons argumentos na apresentação de fatos e respostas que possam tornar mais claros a situação que tal criança possa ter reproduzido.

—A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção —transgressorall, porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucionall. (BRASIL, 2013, p. 25).

⁴⁷ Grifo do pesquisador

As crianças possuem o hábito de reproduzirem muito do que veem e ouvem. Desse modo, a escola cumpre o papel de direcionar esse indivíduo para o caminho do saber e do não julgamento. Como professor de Artes, ainda me deparo muito com alguns alunos do 2º e 3º ano, atingirem uns aos outros e até mesmo professores da instituição com palavras que deslegitimam a imagem deste ser, ao reproduzir falas que muitas vezes presenciam em casa.

Meu objetivo não é deixar uma receita de como mediar tais discussões e propor metodologias de como trabalhar com as crianças e jovens adultos essas temáticas. Este projeto se torna fundamental para que profissionais da educação e outros, que venham a ter interesse pelo assunto, possam se inspirar neste relato para que tomem este como ponto de partida para o saber e para redução do preconceito que há dentro das instituições e fora, ainda mais forte.

Como docente e, ligado fortemente a linguagem da *performance* e os estudos do corpo, tomo neste meio, o ponto crucial para se falar sobre gênero.

No processo de evolução das artes visuais, inúmeros preceitos foram superados, fragmentados e frequentemente reordenados sob múltiplas formas de expressão, estabelecendo infinitas poéticas que transcendem modalidades e categorias, buscando na interdisciplinaridade o apoio e a fundamentação em outras ciências. (LAMAS, 2007, p.35)

Apresentando artistas que trabalham com essas temáticas, utilizam do seu corpo como meio de expressão-comunicação para levantar pensamentos do há de emergente. A questão da sexualidade sempre foi de urgência no país, onde aos poucos vamos conquistando direitos, mas que por outro viés, ainda há uma grande leva de conservadorismo que tomam seus ideais como incontestáveis. Desse modo, reproduzindo para seus filhos seus saberes, crenças e valores, reproduzindo-se e disseminando-se socialmente. Em *O Local da Cultura*, Homi Bhabha ainda reforça que:

As diferenças culturais, raciais, de gênero, de classe [...] não seriam problemáticas se fossem apenas diferenças. A questão central é que elas são hierarquizadas socialmente e se transformam em desigualdades. (BHABHA, 1998, p. 220).

Parto de um ponto onde, como docente, encontro em minhas aulas a oportunidade de abrir essas questões, indo para instituição com roupas que se

diferem de meu sexo anatômico. Isso faz com que as crianças tenham a necessidade de questionar, saber o porquê disso, algumas vezes com piadas e/ou risadas, no qual encontro aí o ponto chave para realizar essas mediações.

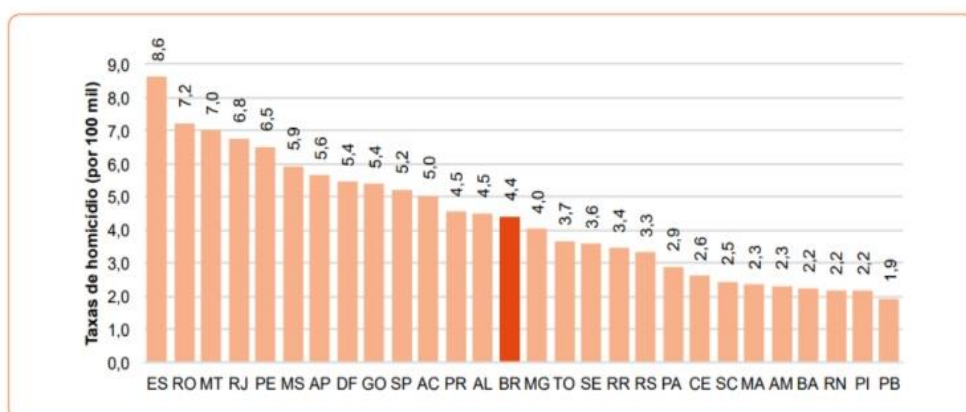
A coleta de dados a partir das rodas de conversa que seriam promovidas que acabaram por não serem realizadas, tornaram explícito os enfrentamentos e as barragens que o professor vai encontrar pelo caminho, diante dos impedimentos da escola e diversas vezes dos próprios pais. Mas quando há situações que devem ser discutidos esses assuntos em sala, o professor tem a total liberdade como a Proposta enfatiza de estar realizando estas discussões.

No ensino de arte, temos a oportunidade em variados momentos, desde as discussões da presença do corpo ao longo da história, tornando ainda mais forte na contemporaneidade, com o surgimento da *performance* e a consolidação como expressão artística.

Num ritmo crescente, a violência contra a mulher tornou-se enorme comparados aos anos de 1980 a 2013. Tanto em números quanto em taxas, morreu um total de 106.093 mulheres, vítimas de homicídio. O número de vítimas passou de 1.353 mulheres em 1980 para 4.762 em 2013, um aumento de 252%. A taxa que, em 1980 era de 2,3 vítimas por 100 mil mulheres, passa para 4,8 em 2013, um aumento de 111,1%.

Imagem 20 Gráfico

Gráfico 3.2. Ordenamento da UFs, segundo taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil, 2003

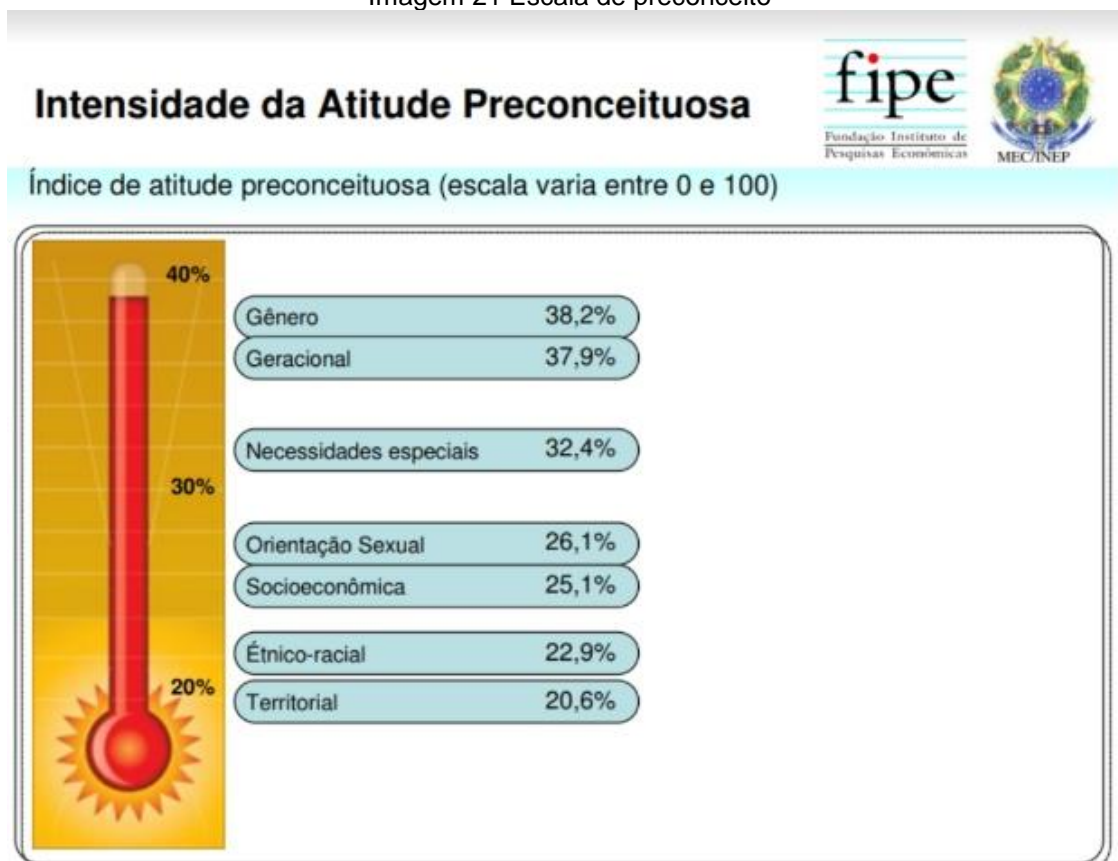


Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.

Fonte 20 <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>

Já para comunidade LGBTQ+ são reportadas 30 denúncias de violação de direitos humanos de caráter homofóbico por dia no Brasil e a cada dia 15 pessoas são vítimas de violência homofóbica.⁴⁸ Ainda presente dentro das instituições escolares, este gráfico nos apresenta um nível alarmante de preconceito a diferença de gênero e sexo.

Imagem 21 Escala de preconceito



Fonte 21 <https://slideplayer.com.br/slide/10318669/>

A Proposta Curricular de Santa Catarina centra-se no pressuposto de que o direito à educação para todos deve ser garantido por meio da efetivação de políticas contra formas associadas de exclusão, em especial aquelas motivadas por preconceito e discriminação de natureza étnico-racial, de orientação sexual ou de identidade de gênero, bem como, qualquer outra decorrente de conteúdo ou condutas incompatíveis com a dignidade humana. Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero passa pelo

⁴⁸ <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-3.html>

reconhecimento desses sujeitos e pelo seu direito a estar inseridos na educação bem como se expressar livremente na sociedade.

Pela exposição destes dados e pelo contínuo desenvolvimento da pesquisa que já gerou um artigo e apresentação em seminários e congressos, a luta não se encerra aqui, este estudo foi fundamental para dar seguimento à pesquisa que continuarei desenvolvendo como professor/artista e pesquisador.

6. PROJETO DE CURSO: PERFOPALESTRA

6.1 EMENTA

O corpo e o espaço que ele ocupa; provocando e estimulando reflexões sobre gênero e sexualidade através da performatividade.

6.2 CARGA HORÁRIA

4 horas

6.3 PÚBLICO-ALVO

Destinado à professores de Artes da educação básica, ensino fundamental, ensino médio, profissionalizante e superior.

6.4 JUSTIFICATIVA

A perfopalestra destina-se a professores como formação continuada. O corpo do professor/artista inserido neste contexto entre o fazer e mediar dá ênfase a performatividade deste professor *performer*, onde seu corpo, seus gestos e signos falam tanto quanto sua voz que estará presente. A *performance* em si, não utiliza muitas vezes a voz como recurso, possibilitando subjetividades nos espectadores a partir de sua ação “não-cronológica”, onde o *performer* entra em cena, executa e se retira.

A perfopalestra abre canais de novas possibilidades utilizando a fala enquanto recurso fundamental para pontuar a imprescindibilidade de abordar as temáticas de gênero e sexualidade no âmbito escolar e social. Permitindo novos entendimentos sobre os assuntos para serem trabalhados em sala de aula de acordo com a metodologia abordada por cada docente. A proposta curricular de Santa Catarina diz que

A diversidade, entendida como enriquecimento, possibilidade, processo de construção, é própria dos seres humanos. É o tema que se impõe para que possamos construir uma escola pautada no direito à educação e no direito à diferença e na formação integral do sujeito como movimentos que impulsionam a superação de perspectivas monoculturais, etnocêntricas e hegemônicas que determinam os modos de fazer educação escolar. (SANTA CATARINA, 2014, p. 56)

Possibilitando abrir um leque de novas oportunidades, atribuindo a estes professores novos meios de abordar esses assuntos e mediar conflitos, compreendendo as diferentes identidades que se manifestam.

6.5 OBJETIVOS

6.5.1 OBJETIVO GERAL

Promover por meio da Arte, e calcada principalmente à arte da *performance*, discussões e reflexões acerca da plurificação de identidades de gênero, transparecendo conceitos sobre ideologia e identidade, desestigmatizando pensamentos ideológicos sobre gênero e sexo.

6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a importância do ensino sobre gênero e sexualidade através da *performance* nas aulas de Artes;
- Perceber a materialidade do corpo através da performatividade;
- Identificar através da *performance* as relações entre corpo, gênero, identidade e performatividade;

5.6 METODOLOGIA

Féral nos apresenta em seu artigo, *Por uma poética da performatividade: o teatro performativo* (2008) três verbos performativos que todo artista reconhece em seu processo de criação:

1. ser/estar⁴⁹ (“being”), ou seja, se comportar (“to behave”);
2. fazer (“doing”). É a atividade de tudo o que existe, dos quarks⁵⁰ aos seres humanos;
3. mostrar o que faz (“showing doing”, ligado à natureza dos comportamentos humanos). Este consiste em dar-se em espetáculo, em mostrar (ou se mostrar). (FÉRAL, 2008, p. 4)

O *performer* entra em cena, se apresenta e senta em uma mesa de frente para o público, como em uma conferência. Com apoio de um microfone e

⁴⁹ Em francês, bem como no inglês, o verbo “être” tem a ambivalência de “ser” e “estar” e, dentro do contexto, ambas definições parecem apropriadas. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370/60352>>. Acesso em: 28 Out. 2018

⁵⁰ Quarks: subpartículas atômicas, formadoras das menores partes de um átomo.

outros materiais que se farão de grande importância para se contemplar as mediações do *performer*, como por exemplo (pênis, vulva, bola, boneca e boneco, bambolê, batom, boné, entre outros.). O *performer* se apoiará nestes materiais e outros para reproduzir seus gestos e signos para falar de gênero.

Pensando no detalhamento exposto acima, desenvolverei a perorpalestra me colocando horas como performer e horas como professor, intercalando estes estágios performáticos e expondo os conteúdos a serem abordados.

Abrindo possibilidades de discussões após a ação, dando continuidade à ação que não se encerra ao fim da palestra, pois enquanto o corpo do performer estiver no mesmo lugar diante do público, ele continuará em estado de *performance*.

PERFORMANCE AGONIO

Imagem 22. Agonio. Julio Soares. *Performance*. SC. 2018



Fonte: Acervo do pesquisador

A ação se inicia com diálogos onde propagam ideais sobre a questão da ideologia de gênero, designado/imposto. Três pessoas andróginas, carregam um indivíduo, cujo gênero não-binário, está preso dentro de um saco. Soltam-no. Enquanto dois dos outros andróginos preparam velas que ficam dispostas em círculos com a representação das cores da bandeira LGBT, o terceiro indivíduo andrógino retira o sujeito, cujo gênero que não é bem visto socialmente, do saco, o amarra, o algema e o coloca em posição de feto, dentro deste círculo de velas.

Estes mesmos sujeitos andróginos por vez, posicionam-se ao redor destas velas em frente a este indivíduo oprimido, onde retiram de seus bolsos crucifixos que serão apontados para essa pessoa, enquanto os mesmo iniciarão uma oração, onde será revelado um culto de opressão a todos aqueles que se diferirem das normas pré-estabelecidas.

A oração permanece de baixo a alto tom, freneticamente ao som de uma música produzida por mim com colaboração de edição e mixagem de som com

B-Gud⁵¹, que reforça tal ritual como forma de exorcismo. Entre o público, teremos a presença de quinze pessoas que estarão espalhadas e camufladas entre o espectador, vestidas com roupas coloridas e maquiagens evidenciando seu gênero, que se aglutinarão um a um meio a este ritual de opressão formando um enorme emaranhado circular.

Estes indivíduos incitarão frases de resistência para quebrar esta corrente de opressão. Ao decorrer da situação, as palavras proferidas pelos outros gêneros se mostram mais fortes que a oração ritualizada, fazendo com que os andróginos caiam um a um, até que não reste mais alguém que cause problemas físicos e/ou psicológicos nas vítimas.

O oprimido por sua vez, ao decorrer da ação, ainda amarrado, tenta desamar-se das cordas e libertar-se de situações das quais a maioria das pessoas que não se identificam estritamente ao gênero masculino e feminino são postas diariamente diante de parte da sociedade que julga dizer o que é melhor para o outro. Essas vozes autoritárias tentam ditar formas de como ser menino e com ser menina, em um momento em que as particularidades estão cada vez mais evidentes e as identidades tornam-se voláteis.

Segundo Bruno Brulon, "[...] é pela imposição da norma e da sua naturalização que se estabelece aquilo que será compreendido como normal. Historicizar o normal, fazer dele um objeto de estudo, é o primeiro objetivo de um saber queer [...]" (BRULON, 2018. p.47).⁵²

Esta é uma das principais urgências do trabalho, ampliar a reflexão sobre o tema e colocá-lo nas pautas da discussão dos comportamentos em sociedade.

⁵¹ Artista visual e cantor Criciumense.

⁵² Normatizar para normalizar: Uma análise queer dos regimes de normalidade na historiografia contemporânea da homossexualidade. In: NETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aginaldo Rodrigues (orgs.). História e Teoria Queer. Salvador. Editora Devires, 2018, p. 47-76.

Imagem 23. Agonio. Julio Soares. *Performance*. SC. 2018

Fonte: Acervo do pesquisador

...EM ABERTO

7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199 p.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BROWN, George R.. **Disforia de gênero e transexualismo**. Manual Msd, Kenilworth. Disponível em: <<https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psi%C3%A1tricos/sexualidade,-disforia-de-g%C3%AAnero-e-parafilias/disforia-de-g%C3%AAnero-e-transexualismo>>. Acesso em: 02 out. 2018.

BURIGO, Joanna. Vamos falar sobre gênero?. **Cartacapital**, São Paulo, 26 out. 2016. Semanal. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/vamos-falar-sobre-genero>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de criação. São Paulo: Perspectiva, 1989.

COLLING, Leandro. Teoria Queer, 2011. In: ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de (org.). **Mais Definições em Trânsito**. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=823>. Acesso em: 26 Out. 2018

D'AVILLA, Marcelo. **Canal vimeo**. Disponível em: <<https://vimeo.com/marcelodavilla>> Acesso em: 04 abr. 2018.

DAWSEY, John C. Turner. Benjamin e antropologia da performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, v. 7, n. 2, 2006.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em artes**: A/r/tografia. Santa Maria: UFSM, 2013, 244p.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade**: o teatro performativo. *Sala Preta*,8, p.197-210, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370/60352>>. Acesso em: 28 out. 2018.

FÉRAL, Josette. **What is left of performance art? Autopsy of a Function, Birth of a Genre**. *Discourse - Journal for theoretical Studies in Media and Culture*. Spring, 1992

GAMSON, Joshua. Must Identity Movements Self-Destruct? A Queer Dilemma. In: **Social Problems**, Vol. 42, No. 3, Agosto, 1995, p. 390-407. Disponível em <<http://freeskool.wikispaces.com/file/view/gamson+Identity+Movements+Self+Destruct.pdf>>. Acesso em: 26 Out. 2018.

G, Mar. GÊNERO FLUIDO. **Blog Gênero Sem Questão**, S/l, 08 jun. 2014. Disponível em: <<https://generosemquestao.wordpress.com/2014/06/08/genero-fluido/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre; GUIMARÃES, Aline Rodrigues; MACEDO, Christiane Garcia. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais: reflexões a partir de uma experiência em sala de aula**. Uruguaiana, p.13-28, 2011.

GOLDBERG, Roselee. **Performance art: desde el futurismo hasta el presente**. Barcelona: Ediciones Destino, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006. 99 p.

LAMAS, Naja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007. 135p.

LARAIA, R.B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>> Acesso em: 14/08/2018 as 14:10

LOURO, Guacira Lopes et al (Org.). **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000. 151 p.

LUCE, P.; DEBORTOLI, J. A.; GOMES, A. M. **Experiência, performances e práticas de aprendizagem: temas para pensar o lazer de forma não fragmentada**. *Licere*, Belo Horizonte, v. 13. n. 2, jun. 2010. 26 p. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/546>> Acesso em: 14 out. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSTAÇO, Edelcio. Sobre Performatividade. In: MOSTAÇO, Edelcio (Org.).

Performatividade. 2009. p. 15.

NARDIM, Thaise Luciane. **Allan Kaprow, performance e colaboração: estratégias para abraçar a vida como potencia criativa.** 2009. 145 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284094>>. Acesso em: 14 ago. 2018

ORIENTANDO Um Espaço de Aprendizagem. Disponível em: <<https://orientando.org/>> Acesso em: 02 out. 2018.

ORLAN. Disponível em: <<http://www.orlan.eu/>> Acesso em: 14 out. 2018

PINGO Foto e Vídeo. **Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual: Desafios para a escola contemporânea.** 2016. (3m55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jrWXb8JDfds>>. Acesso em:

REINERT, Priscilla da Silva. **Meu corpo volumoso como suporte da arte: discussões sobre bullying na escola.** 2017. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017. Cap. 4.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é Etnocentrismo.** 5ª edição, Editora Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos)

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação [S.l.] : [S.n.], 2014, 192p.

SANTA CATARINA. Secretaria de Ações Afirmativas E Diversidades - SAAD, 2017, Florianópolis. **Glossário da Diversidade.** Florianópolis: Online, 2017. 31 p. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf>. Acesso em: 27 out 2018.

SILVINO, Dariana Maria; HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. **A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS: uma abordagem necessária.** 2017. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/aimportanciadadissaodegeneronasescolasumaabordagemnecessaria.pdf>> acesso em: 27 Ago. 2018

UNIVERSIDADE de São Paulo. **Demônios.** Disponível em: <www.usp.br/tusp/?portfolio=demonios>. Acesso em: 14 out. 2018 as 21:31.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA
FICHA DO ORIENTADOR

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 – PRODUÇÃO TEXTUAL = 10,0		
Atitudes do orientando (a) Esta nota é exclusiva do professor orientador e substitui a nota da produção textual (vale até 10,0 pontos)		
Frequência nas orientações	0,0 a 3,0 -	
Autonomia do acadêmico em relação à busca de bibliografias	0,0 a 3,0 -	
Autoria do acadêmico na redação e análise.	0,0 a 4,0 -	
		TOTAL
ETAPA 2 e 3 - APRESENTAÇÃO ORAL e SUSTENTAÇÃO PERANTE A BANCA = 10,0 pontos		
Apresentou de forma clara e objetiva	0,0 a 1,0 -	
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese	0,0 a 2,0 -	
Apresentou coerência com o trabalho escrito	0,0 a 2,0 -	
Compreendeu e respondeu objetivamente as arguições	0,0 a 2,5	
Demonstrou capacidade de argumentação na sustentação perante a banca	0,0 a 2,5	
		TOTAL

Assinatura do orientador

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
FICHA DOS EXAMINADORES

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 - PRODUÇÃO TEXTUAL= 10,0		
Esta nota será dada pelos dois professores que compõe a banca		
O título está relacionado com a ideia principal e a introdução é clara e articulada ao trabalho	0,0 a 1,0	
A apresentação do problema/questão e dos objetivos da pesquisa estão explicitados	0,0 a 1,0	
Ortografia, concordância verbal e estruturação de frases	0,0 a 1,0	
A fundamentação teórica é coerente e suficiente para o tema	0,0 a 1,0	
A apresentação do texto e as citações estão conforme as normas da ABNT e a bibliografia citada consta das referências	0,0 a 1,0	
A bibliografia é abrangente, atualizada, qualificada academicamente.	0,0 a 1,0	
A metodologia utilizada está explicitada e apropriada para a abordagem do problema	0,0 a 1,0	
A conclusão é coerente com os objetivos	0,0 a 1,0	
Consistência e viabilidade do Projeto de Curso	0,0 a 1,0	
Apresenta autoria, sugestões e propostas	0,0 a 1,0	
		TOTAL
ETAPA 2 e 3 - APRESENTAÇÃO ORAL e SUSTENTAÇÃO PERANTE A BANCA = 10,0 pontos		
Apresentou de forma clara e objetiva	0,0 a 1,0 -	
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese	0,0 a 2,0 -	
Apresentou coerência com o trabalho escrito	0,0 a 2,0 -	
Compreendeu e respondeu objetivamente as arguições	0,0 a 2,5	
Demonstrou capacidade de argumentação na sustentação perante a banca	0,0 a 2,5	
		TOTAL

Assinatura do examinador
